

EDUCADORAS E LEIGOS

(a) Educadoras

Harriet Greenman
Mary Videau Kirk
Phoebe A. Thomas
Mary G. Goodale
Elizabeth R. Williamson
Carrie M. Cunningham
Clara Emilie Hough
Margaret K. Scott
Lilly B. Martin
Winona C. Evans
Mary Blanche L. Dunlap
Rebecca T. Morrisette
Margaret Henry Youell
Marcia Percy Browne
Margaret Bell Axtell

(b) Leigos

Maria Antônia da Silva Ramos
John Theron Mackenzie
Antônio José dos Santos Neves
Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva
Augusto Fausto de Souza
Miguel Vieira Ferreira
José Carlos Rodrigues
Júlio César Ribeiro
Maria Paes de Barros
Joaquim Honório Pinheiro
Tertuliano Goulart
Antônio Januzzi
Remígio de Cerqueira Leite
Francisco Augusto Deslandes
Antônio Gomes da Silva Rodrigues
Antônio Teixeira da Silva
Vital Brasil Mineiro da Campanha
Joaquim Ribeiro dos Santos
Augustus Farnham Shaw
Myron August Clark
Nicolau Soares do Couto Esher
Adelaide Luíza Molina
Bartolomeu Reviglio
Jacob Filipe Wingerther

1. Missionárias educadoras

Além das educadoras norte-americanas mencionadas nas seções anteriores, acrescentamos algumas outras menos conhecidas, por ordem de chegada ao Brasil.

Harriet Greenman

Harriet Greenman chegou ao Brasil em 1869, no mesmo ano em que a missionária Mary Parker Dascomb. Lecionou na Escola Americana, para a qual preparou o texto didático “Lições Elementares da Língua Inglesa”, usado por muito tempo nessa e em outras escolas. Além de inglês, lecionou caligrafia e “lições de coisas”, isto é, conhecimentos gerais. Em 1871, deixou a missão e casou-se com o português Miguel de Magalhães. Passou a ser conhecida como a Sra. Magalhães, citada muitas vezes nos anais da Escola Americana. O casal residiu no Rio Grande do Sul e depois em Campinas, de cuja igreja Miguel foi presbítero. Ele parece ter sido pessoa de recursos, pois ofertou à Igreja de Itatiba um terreno que não veio a ser aproveitado. O casal foi arrolado na Igreja de São Paulo em setembro de 1881, sendo Miguel eleito diácono em outubro de 1885 e ordenado em 21 de novembro.

Receberam carta de transferência para uma igreja de Nova York em 1890. Chegaram a essa cidade no dia 8 de agosto, tendo em vista os estudos dos filhos. Nos últimos dois anos, Harriet havia auxiliado o Dr. Horace Lane na Escola Americana. Não se sabe o que aconteceu com ela, pois Miguel foi arrolado na 2ª Igreja de São Paulo em 28 de abril de 1895, por transferência da Igreja Reformada Holandesa dos Estados Unidos. Ele faleceu em Brooklyn, Nova York, em 1900. Constatam do rol de membros da Igreja de São Paulo seus filhos George Willard, nascido em 4 de dezembro de 1875 e batizado pelo Rev. John B. Howell em 15 de abril de 1876, e Paulina, batizada pelo Rev. George W. Chamberlain em 2 de junho de 1878. Outros filhos do casal foram Helena, nascida em 1874, e Frank nascido em 1879, que estudaram na Escola Americana.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 74, 197, 199, 255, 443s, 452, 613; A. L. Blackford, *Sketch of The Brazil Mission*, 15; “1º Livro de Atas da Igreja Presbiteriana de São Paulo”; *Brazilian Missions* (Setembro 1890), 73; McIntire, *Portrait*, 7/57, 10/38; Garcez, *Mackenzie*, 38s.

Mary Videau Kirk

Mary V. Kirk era natural de Charleston, Condado de Berkeley, na Carolina do Sul, onde nasceu no dia 31 de dezembro de 1841, sendo seus pais Philip Couturier Kirk e Gabriella Marion Dwight Kirk. Em diversas fontes o seu primeiro nome aparece grafado como Marion. Era membro da Zion Church, em sua cidade. Foi nomeada missionária em 3 de fevereiro de 1873. Partiu para o Brasil às suas próprias expensas em 23 de abril de 1874, a fim de auxiliar a missionária Arianna (Nannie) Henderson na escola para meninas anexa ao Colégio Internacional, em Campinas. A idéia era que a nova professora se dedicasse aos alunos americanos enquanto estudava a língua do país, e assim Nannie pudesse concentrar-se nos alunos brasileiros. Mary conhecia vários idiomas. Retornou para os Estados Unidos

em janeiro de 1879. Aparentemente, mais tarde voltou ao Brasil como missionária da Igreja do Norte (PCUSA), sendo arrolada na Igreja Presbiteriana de São Paulo em 31 de janeiro de 1890, procedente da Igreja de Westminster.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 347, 355; Bear, *Mission to Brazil*, 14, 17; McIntire, *Portrait*, 7/24; Erasmo Braga, “O Colégio Internacional e seus fundadores”, *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes* (30-09-1916), 44; Internet: http://singletonfamily.org/webcards/wc06/wc06_455.html.

Phebe A. Thomas (?-1890)

Phebe Thomas era procedente de Wilkes-Barre, na Pensilvânia. Chegou ao Brasil em 1877, na companhia do Rev. John Beatty Howell e de sua esposa Elizabeth Hibler Day, casados recentemente. Veio a suas próprias expensas para lecionar na Escola Americana, onde implantou o “Kindergarten” (Jardim da Infância), inaugurado em 4 de fevereiro de 1878, do qual foi diretora por muitos anos. Ao que parece, esse foi o primeiro Jardim da Infância implantado no Brasil. Phebe foi também a primeira professora da classe de educação física da Escola Americana. Por motivo de saúde, a educadora seguiu para os Estados Unidos em 1880, ficando o Jardim da Infância sob a direção de Ellie Miller e Rosa Edith de Souza Ferreira até abril de 1881.

Em setembro de 1882, Phebe retornou ao Brasil na companhia do Rev. George W. Chamberlain, do Rev. João Fernandes Dagama e sua família e da professora S. E. Lobb, também procedente da Pensilvânia. A *Imprensa Evangélica* informou que, logo que esta professora adquirisse conhecimento suficiente da língua portuguesa, Phebe reabriria o Jardim da Infância. Phoebe foi arrolada na Igreja de São Paulo no dia 1º de outubro de 1882, por carta de transferência da Igreja Presbiteriana de Wilkes-Barre. Trabalhou no Brasil até 1889, quando regressou à pátria por motivo de enfermidade, lá chegando no dia 5 de maio. Faleceu no dia 20 de junho de 1890, em Wilkes-Barre.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 203, 205, 356; Ferreira, *História IPB*, I:345; McIntire, *Portrait*, 7/64; Garcez, *Mackenzie*, 69s.

Mary G. Goodale

A missionária Mary Goodale era membro da Igreja Presbiteriana de Lafayette Street, em Nova Orleans, Estado da Louisiana. Foi nomeada missionária em 14 de agosto de 1883 e partiu para o Brasil uma semana depois. Veio auxiliar Charlotte Kemper no Colégio Internacional de Campinas. Em 1884 mudou-se para Mogi-Mirim, a fim de ensinar na escola local e fazer companhia à Sra. Agnes Boyle durante as longas ausências do seu marido, Rev. John Boyle. Devido a problemas de saúde, teve de regressar aos Estados Unidos em maio de 1885, desligando-se da missão 31 de julho.

Bibliografia: *The Missionary*, Vol. 16, p. 225; McIntire, *Portrait*, 10/41.

Elizabeth R. Williamson (1862-1935)

Elizabeth Williamson era procedente de Filadélfia, na Pensilvânia. Deixou o seu país no dia 26 de junho de 1890, no navio *Finance*, acompanhada do casal J. L. Underwood. Veio auxiliar a educadora Elmira (Ella) Kuhl na Escola Americana de São Paulo. Quando Elmira foi para Curitiba a fim de criar uma filial da Escola Americana ao lado da colega Mary P. Dascomb, Elizabeth a substituiu no internato feminino da escola de São Paulo. Após trabalhar por algum tempo na Escola Evangélica de Sergipe (1899-1904), foi para a Bahia, onde se destacou pela sua cultura e espiritualidade. Atuou em muitos lugares desse estado, preparando muitas igrejas para receberem pastor nacional. Quando o Rev. William Alfred Waddell iniciou o trabalho presbiteriano em Mucujê, nas Lavras Diamantinas, levou-a para lá a fim de cuidar da congregação e auxiliar na educação das moças crentes. Nessa época houve uma séria perseguição, em que um grupo de fanáticos, com a banda de música à frente, queimou na praça todas as Bíblias distribuídas pelos crentes, bem como toda a literatura evangélica que encontraram. A missionária ficou traumatizada por muitos dias por causa dessa afronta. Passado o abatimento, compôs um hino para o Natal usando para o mesmo a música que a banda havia tocado por ocasião da queima das Bíblias.

Em 1914, quando a família do Rev. Henry J. McCall seguiu para os Estados Unidos em gozo de férias, ela os substituiu na escola evangélica e na Igreja de Caetité, no sul da Bahia. O lugar em que as suas qualificações mais se revelaram foi a cidade baiana de Paraguaçu, perto de Cachoeira. Sua presença agradável, seu excelente conhecimento da língua portuguesa e seu cuidado como expositora da Bíblia fizeram dela uma das melhores mestras de grandes auditórios. Ao mesmo tempo, por sua cortesia e ar cativante, conquistou a simpatia daquela cidade. Adoeceu em 1926, retornando no ano seguinte para Filadélfia, onde faleceu em 1935.

Bibliografia: Ferreira, *História da IPB*, II:373s; Octacílio Alcântara, “O Presbiterianismo na Bahia, no Vale do São Francisco”, *Brasil Presbiteriano* (1º a 15-05-1980), 15; Octacílio Alcântara, “Perseguições religiosas na Bahia”, *Brasil Presbiteriano* (06-1982), 4.

Carrie M. Cunningham (1859-1891)

Carrie nasceu na Califórnia no dia 7 de dezembro de 1859, sendo seus pais Wallace e Mary Cunningham. Passou parte da infância e a adolescência em De Soto, no Missouri. Estudou no Colégio Feminino Sinódico, em Fulton, no mesmo estado, onde passou a ensinar após concluir os estudos. Em janeiro de 1890, apesar de ser muito estimada na escola e na Igreja Presbiteriana de Fulton, ofereceu os seus serviços como missionária no exterior e foi aceita para trabalhar no Ceará. Partiu em agosto e chegou ao Brasil no mês seguinte, na companhia do Rev. Dr. William Alfred Waddell. Seguiu para Fortaleza, onde já se encontrava a missionária Sallie (Sarah) Chambers, que havia chegado há apenas dois

meses. Abriram a Escola Evangélica na primeira segunda-feira de 1891. O Rev. DeLacey Wardlaw e sua esposa Mary ficaram exultantes com os novos reforços.

Em meados de março, Sallie e o casal recém-chegado James e Maggie Harrell foram acometidos pela febre. Carrie assumiu sozinha o trabalho da escola, demonstrando grande competência e amor pelos alunos, com os quais compartilhava a sua fé, apesar do uso ainda limitado do idioma. Sallie retornou ao trabalho no dia 30 de março e na noite do dia seguinte Carrie foi atacada por uma febre alta. No dia 3 de abril, foi diagnosticada com um tipo fatal de varíola. Durante a sua breve enfermidade, demonstrou grande resignação e profunda confiança em Deus. Faleceu no domingo 12 de abril de 1891, aos 31 anos de idade, sendo sepultada no Cemitério dos Ingleses. Numa página em branco de sua Bíblia foi encontrada uma longa lista de passagens encabeçada pelo título “Versículos que me auxiliam e me encorajam no meu trabalho”. Alguns deles são Êxodo 4.12; Deuteronômio 33.12; Salmos 27.14; 55.22; 120.1; Isaías 26.3; Daniel 12.3; Lucas 9.24; Filipenses 4.13; Tiago 5.20 e 1 Pedro 3.14.

Bibliografia: Ferreira, *História da IPB*, I:302, 360; “Carrie M. Cunningham”, *Brazilian Missions* (Julho 1891), 54-56; Cortez, *Presbiterianismo no Norte do Brasil*, 9.

Clara Emilie Hough

Clara Hough era procedente de Media, nas proximidades de Filadélfia, Pensilvânia. Partiu para o Brasil no dia 13 de dezembro de 1890, no navio Vigilância, vindo trabalhar na Escola Americana, em São Paulo. Em 6 de março de 1891 foi para Botucatu a fim de aprender mais facilmente o idioma e auxiliar Mary Parker Dascomb e Nannie Henderson na reorganização da Escola Evangélica. Em junho, Clara e Nannie acompanharam o Rev. João Ribeiro de Carvalho Braga em uma de suas viagens pelo interior. No mesmo ano, Clara fundou em Botucatu o primeiro “Esforço Cristão” (*Christian Endeavor*) do Brasil, uma sociedade voltada para os jovens evangélicos, sob o lema “Por Cristo e pela Igreja”. Essa organização interdenominacional foi criada em 1881 pelo Rev. Francis E. Clark, um pastor congregacional de Portland, Maine. Clara foi a primeira superintendente nomeada para o Brasil pela sede internacional do Esforço Cristão, localizada em Boston. Depois de auxiliar em Botucatu, trabalhou como professora em Laranjeiras, Sergipe (1894-1898), onde estavam o Rev. Woodward E. Finley e sua esposa, Lilly Martin. Em 1896, Clara e duas moças brasileiras dirigiam uma escola com quarenta e cinco alunos. Após breve estadia em Aracaju, trabalhou em escolas missionárias da Bahia. Regressou para a sua terra em 1902. Em novembro do mesmo ano, foi realizada em São Paulo a primeira convenção nacional do Esforço Cristão, sendo eleito presidente da sua diretoria o jovem Rev. Erasmo Braga.

Bibliografia: Ferreira, *História da IPB*, I:255, 319, 473s, 517; II:399; Jornais Evangélicos, Vol. 15, Coleção Temudo Lessa; Vilas-Bôas, “Origens da Educação Protestante em Sergipe”, 119, 126; Vilas-Bôas, *Escola Americana de Aracaju*, 57.

Margaret K. Scott (?-1907)

Margaret Scott nasceu no Estado de Indiana, sendo filha de um pastor presbiteriano. Com a morte do pai, foi residir em San Jose, na Califórnia, com a mãe e três irmãos. Nesse estado, formou-se na Escola Normal aos quinze anos, foi professora em vários estabelecimentos e em pouco tempo tornou-se diretora da Escola Normal. Quando residia em Los Angeles, sentiu-se chamada para ser missionária educadora no Brasil. Chegou a São Paulo em 1891 para trabalhar na Escola Americana. Foi arrolada na 1ª Igreja Presbiteriana no dia 4 de setembro do mesmo ano, na mesma ocasião em que foi recebido o jovem Myron August Clark, o implantador da Associação Cristã de Moços no Brasil. Dois anos depois, em 13 de outubro de 1893, Margaret foi uma das fundadoras da 2ª Igreja Presbiteriana de São Paulo, ao lado das colegas Mary Lenington Waddell, Effie R. Lenington e Mary Ada Lindsay. Essa igreja resultou das dificuldades havidas entre o Rev. Eduardo Carlos Pereira e os elementos ligados ao Mackenzie College. Mais tarde, Margaret freqüentou assiduamente a Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo, organizada em 1900. Em 1896, a revista missionária *Woman's Work for Woman* publicou um sugestivo artigo escrito por ela, descrevendo as meninas internas da Escola Americana. Tendo saúde frágil, no início de 1906, após muitos anos de serviços à Escola Americana, a dedicada professora regressou aos Estados Unidos, vindo a falecer no início de 1907.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 360, 441; Ferreira, *História da IPB*, I:391; Margaret K Scott, "Brazilian Girls", *Woman's Work for Woman* (Novembro 1896), 297s; "Miss Margaret K. Scott", *Revista das Missões Nacionais* (15-02-1907), 5.

Lilly B. Martin

Missionária da Igreja do Sul (PCUS), Lilly chegou ao Brasil em 1892, acompanhando o Rev. John Rockwell Smith e sua esposa, com o propósito de abrir uma escola em Recife. Logo depois, seguindo para o sul do Brasil, conheceu no navio o Rev. Woodward E. Finley, missionário da Igreja do Norte (PCUSA), ficando ambos noivos antes de chegarem ao Rio de Janeiro. Casaram-se no ano seguinte e Lilly se transferiu para a Junta de Nova York. O casal foi residir em Laranjeiras, no Estado de Sergipe. Voltaram para os Estados Unidos em 1907. (Para maiores informações, ver dados sobre o Rev. W. E. Finley.)

Bibliografia: Ferreira, *História da IPB*, I:473; Bear, *Mission to Brazil*, 46s; Anotações de Katherine Porter, Coleção Calvin Porter, Arquivo Presbiteriano.

Winona C. Evans (?-1902)

Winona era natural do Estado de Missouri e chegou ao Brasil em 1893. No ano seguinte, enquanto estudava a língua em Recife, seguiu em companhia do casal Henderlite para Garanhuns, onde conheceu o seu futuro esposo, Rev. Henry J. McCall. Casaram-se em 1895, quando Winona desligou-se da missão da Igreja do Sul. Faleceu em 1902. (Para maiores informações, ver dados sobre o Rev. H. J. McCall.)

Bibliografia: Ferreira, *História da IPB*, I:460.

Mary Blanche L. Dunlap (1864-1938)

Blanche Dunlap nasceu no Condado de Giles, na Virgínia, em 1864. Era filha do capitão John Robert Dunlap, do Condado de Monroe, Virgínia Ocidental. Logo que terminou a Guerra Civil, o seu pai mudou-se para o Condado de Pulaski, no mesmo estado. Ele foi presbítero por muitos anos da Igreja de Dublin e delegado à Assembléia Geral que se reuniu em St. Louis em 1875, vindo a falecer em 1886. Sua mãe era Mary Elizabeth Dunlap, de Dublin, Virgínia.

Quando Blanche estava com cerca de treze anos, seu pai sofreu graves perdas, o que a impediu de freqüentar a escola por três anos. Nesse período, sua mãe muito se esforçou, sem êxito, para colocá-la em uma boa escola. Era tão grande o seu desejo de dar à filha uma boa educação, que resolveu recorrer a escolas de outras igrejas. Quando o professor Charles E. Cocke, do Instituto Hollins, propôs-se a admitir Blanche por uma pequena quantia, concordando em receber o pagamento quando ela tivesse um emprego, mãe e filha sentiram que as suas orações haviam sido respondidas. Blanche ingressou nessa escola em 1880. Em um texto autobiográfico posterior, ela expressou a sua profunda apreciação pelo “meu bondoso amigo, professor Cocke”, desejando que ele vivesse muitos anos para auxiliar meninas pobres como a havia auxiliado. Durante quatro anos ele lhe ofereceu todas as vantagens da sua escola e quando ela se formou já havia conseguido uma boa colocação para o ano seguinte.

Inicialmente, Blanche lecionou nas proximidades de Crystal Springs, Mississipi, e depois em Birmingham, Alabama; Hazelhurst, Mississipi, e Radford, Virgínia. Tornou-se membro da Igreja de Dublin, pastoreada pelo Rev. J. N. Naff. Acreditava que o desejo de ser missionária foi plantado no seu coração por sua mãe e nutrido pelos ensinamentos da mesma, ou então que foi um “direito de nascimento”. Blanche comentou: “O desejo de ensinar ‘Paz na terra e boa vontade entre os homens’ não seria natural em alguém que nasceu numa hora como aquela?”

Blanche deixou Dublin na noite de 25 de setembro de 1894 em companhia do Rev. Samuel R. Gammon e sua esposa Willie Brown Humphreys, casados há três meses. Partiram de Nova York na manhã do dia 29, no navio Coleridge, e chegaram a Lavras em 22 de outubro. Blanche havia se oferecido como voluntária para a obra missionária em Lavras, em resposta aos apelos do Rev. Gammon. Durante a viagem, que durou um mês, com escalas em Recife e Salvador, Gammon deu aulas de português às novas missionárias. Blanche tornou-se a diretora da escola de Lavras. Em 1897, o Rev. Flaminio Augusto Rodrigues a acompanhou a Araguari, onde ela substituiu a missionária Kate Bias Cowan na direção da Escola Evangélica. Por motivo de saúde, Blanche voltou para os Estados Unidos em 1908, passando a residir em Nova York com a sua única irmã. Nunca se esqueceu dos amigos brasileiros, vários dos quais recebeu em seu lar naquela cidade. Faleceu no dia 10 de

setembro de 1938. Sua cerimônia fúnebre foi realizada na 1ª Igreja Presbiteriana, na 5ª Avenida, tendo entre os oficiantes o Rev. Samuel Rizzo. Samuel foi o fundador e primeiro pastor da Igreja Presbiteriana Saint Paul, em Newark, Nova Jersey (1929-1946).

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 544; Ferreira, *História da IPB*, I:494, 496, 498; “Record of Missionaries of the Presbyterian Church in the United States (Southern)”, Presbyterian Historical Society (Montreat, Carolina do Norte), 253; “Miss Blanche Dunlap”, *O Puritano* (25-10-1938), 2; Bear, *Mission to Brazil*, 27.

Rebecca T. Morrisette

Rebecca Morrisette era natural do Estado do Alabama. No segundo semestre de 1896, foi nomeada para trabalhar no Colégio Americano em Natal, mas iniciou seus estudos da língua portuguesa no Ceará. Em outubro daquele ano, o Rev. William Calvin Porter foi buscá-la em Fortaleza. Na tarde do dia 18 aportou em Natal o vapor procedente dos portos do norte e Rebecca foi recebida por um grupo de adultos e crianças. De olhar expressivo, palavra fácil e grande amabilidade, imediatamente cativou a todos. Seus conhecimentos a credenciavam para lecionar nos cursos primário e secundário, bem como música e desenho. O colégio foi oficialmente fundado e instalado no dia 11 de janeiro de 1897.

Descendente de franceses, Rebecca era uma huguenote fervorosa e o colégio recebeu o influxo de sua fé viva e eficaz. Diariamente era ministrado aos alunos o ensino do Breve Catecismo. A leitura da Bíblia vinha sendo uma prática obrigatória desde os primeiros dias do colégio, em 1895. Em fevereiro de 1898 o número de alunos aumentou, o que encheu de entusiasmo a esforçada diretora. O colégio estava crescendo rapidamente quando Rebecca casou-se no mesmo ano (1898) com um presbítero da Igreja de Natal, João Leopoldo Raposo da Câmara (tio do Dr. Mário Câmara, ex-interventor do Rio Grande do Norte e Secretário do Tesouro Nacional em Nova York). Foram residir no Engenho Alabama, em Ceará-Mirim. Mesmo depois de casar-se e deixar a missão, Rebecca continuou a enviar notícias do trabalho para o periódico *The Missionary*.

Bibliografia: Ferreira, *História da IPB*, I:549s; II:102; Rebecca M. da Câmara, “Training Schools in Brazil”, *The Missionary* (Fevereiro 1903), 71-73; Aglaia A. Garcia Ximenes, “O Missionário de Cabelos Brancos”.

Margaret Henry Youell (1863-1905)

Margaret Youell nasceu no dia 6 de novembro de 1863 nas proximidades de Lexington, Virgínia. Foi nomeada missionária em 13 de setembro de 1898 e partiu para o Brasil no mesmo mês. Assumiu a direção da escola para moças em Lavras (o futuro Colégio Carlota Kemper). Era uma pessoa de excepcional aptidão, mas o seu auxílio foi de pouca duração. Partindo de férias para a pátria depois de sete anos de serviços, passou algum tempo visitando amigos na Virgínia. Seguiu então para Nova York a fim de submeter-se a uma

cirurgia que deveria ser simples. Todavia, veio a falecer em 26 de março de 1905, um domingo, no Hospital Presbiteriano daquela cidade. Era muito estimada tanto pelas suas alunas e amigos no Brasil, quanto pelos colegas missionários. As cartas que enviava ao Comitê de Missões eram sempre permeadas de entusiasmo, alegria e suavidade.

Bibliografia: Ferreira, *História da IPB*, I:499; *The Southern Presbyterian* (30/03/1905), 12; Clara M. Gammon, *Assim Brilha a Luz*.

Marcia Percy Browne (1845-?)

O nome de Marcia Browne (em algumas fontes grafado Brown) está ligado à reforma do ensino público paulista no início do período republicano. Prudente de Moraes havia indicado Rangel Pestana, um admirador dos educadores norte-americanos de Campinas e São Paulo, para idealizar essa reforma. Este por sua vez indicou o professor Caetano de Campos para dirigir a Escola Normal, por onde se iniciaria a pretendida reforma. As escolas anexas a essa instituição foram transformadas em Escolas-Modelo. Horace M. Lane, o dirigente do Colégio Protestante, teve participação direta nesse processo, aconselhando esses líderes e indicando-lhes colaboradoras, notadamente as professoras Marcia Browne e Maria Guilhermina Loureiro de Andrade.

Nos Estados Unidos, Miss Browne havia sido diretora da Escola Normal de Massachusetts, fundada em 1848 pelo grande educador Horace Mann (1796-1859), considerado o “pai da educação pública americana”. Vindo ao Brasil, foi professora de pedagogia da Escola Normal do Mackenzie College. Com o advento da República, essa pedagoga e quatro das professoras treinadas por ela e pelo Dr. Lane passaram a servir o Estado de São Paulo na reforma do ensino segundo os métodos norte-americanos. Caetano de Campos a descobriu em 1886, no jardim da infância da Escola Americana. A partir de 1890, aos quarenta e cinco anos de idade, coube a ela orientar o ensino primário e normal do Estado em sua fase de organização.

Dotada de forte personalidade, enérgica, destemida e competente, organizou e dirigiu três escolas modelo na capital paulista – a Escola Modelo Caetano de Campos, anexa à Escola Normal, e as escolas modelo do Carmo e da Luz. Em 1893, pediu licença de seis meses para visitar os familiares na pátria, indicando para substituí-la seu ex-aluno da Escola Normal, Oscar Thompson. Em março de 1896, retornou definitivamente para os Estados Unidos. Na época, era diretora da Escola Modelo da Luz. No salão nobre dessa escola, em sessão solene, ela despediu-se de seus alunos e companheiras de magistério. Diante de grande audiência, foi-lhe oferecida em nome do professorado paulista uma taça de ouro fino. Mais tarde, o governo deu à escola do Carmo o nome de Grupo Modelo Miss Browne.

Caetano de Campos, escrevendo a Rangel Pestana, disse que havia tido dificuldades em encontrar um homem para dirigir a classe de meninos da Escola-Modelo, mas que por fim havia achado, não um homem, mas uma mulher-homem. Ele assim descreveu a notável mestra: “Miss Browne, 45 anos, solteira, sem parentes nem aderentes, sem medo dos

homens, falando ainda mal o português, ex-diretora de uma Escola Normal..., possuidora de 250 contos, ensinando crianças por prazer e vocação (assim como há vocação para freira) e, finalmente, trabalhando como dois homens, diz ela, quando o ensino necessita”. Em 1901, seu discípulo Oscar Thompson assumiu a direção da Escola Normal de São Paulo, cargo que exerceu até 1920. Em 1904, acompanhado de Horace Lane, participou da Exposição Universal de Saint Louis, para a qual os dois educadores, auxiliados por Carlos Reis, escreveram o livro *Education in the State of São Paulo*.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 452s, 519; Garcez, *Mackenzie*, 141s; Hack, *Protestantismo e Educação Brasileira*, 106-113, 128-133; Abreu, “Escola Americana de Curitiba”, 125-132.

Margaret Bell Axtell

Margaret chegou ao Brasil em 1900 como professora. Depois da morte do Rev. George Chamberlain (31-07-1902), continuou a lecionar por algum tempo em São Félix, até que se casou com o Rev. Henry J. McCall. Aposentando-se, voltaram para os Estados Unidos em 1925. (Para maiores informações, ver dados sobre o Rev. H. J. McCall.)

Bibliografia: Ferreira, *História da IPB*, II:92s, 97, 475.

2. Leigos

Estes são alguns dos muitos leigos que marcaram a trajetória da Igreja Presbiteriana do Brasil, tendo iniciado as suas atividades no período em questão, ou seja, até 1900. Estão apresentados na ordem cronológica do seu nascimento.

Maria Antônia da Silva Ramos (1815-1902)

Membro de uma família ilustre

Maria Antônia nasceu em Castro, no Paraná, no dia 5 de julho de 1815, sendo membro de uma família ilustre que mais tarde radicou-se em São Paulo. Era filha do Barão de Antonina, João da Silva Machado (1782-1875), um próspero comerciante que chegou a senador do Império pelo Paraná. Pouco antes da sua morte, o velho senador recebeu a visita do Rev. George W. Chamberlain, pastor da Igreja Presbiteriana de São Paulo, e lhe disse: “Tenho mais de noventa anos e nunca possuí uma Bíblia”. Quando o missionário leu o Novo Testamento, o ancião comentou: “Eu gosto dessas doutrinas, e gostaria que a minha fé se limitasse ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo”. Maria Antônia casou-se com o tenente-coronel Mariano José Ramos. Foi recebida por profissão de fé e batismo na Igreja de São Paulo, pelo Rev. Chamberlain, no dia 2 de junho de 1878. Até a sua morte, teve participação assídua na sua igreja, envolvendo-se em muitas de suas iniciativas.

Uma de suas netas, Ernestina Rudge da Silva Ramos, casou-se em 21 de setembro de 1882 com Cesário Pereira de Araújo, perante grande assistência, na “Sala Grande” da Escola Americana, sendo o ato solene presidido pelos Revs. George N. Morton, Chamberlain e

John B. Howell. Esse casamento de dois jovens protestantes da aristocracia paulista foi um acontecimento de grande repercussão na cidade. Em 1874, Dona Maria Antônia vendeu ao Rev. Chamberlain e sua esposa, por 800 mil réis, uma parte da sua chácara na Consolação, que usava como pasto para os animais da sua carruagem. Mais tarde, o casal Chamberlain doou esse terreno ao Presbitério do Rio de Janeiro. Essa área, acrescida de terrenos adjacentes, serviu para a expansão da Escola Americana e a instalação do Mackenzie College. Na década de 1880, vários edifícios foram ali construídos, inclusive o do internato masculino, inaugurado no dia 11 de janeiro de 1886. Nos seus últimos dias, Dona Maria Antônia residiu à Rua de São João, em frente à Escola Americana, vindo a falecer, aos 87 anos de idade, no dia 11 de março de 1902. Seu nome foi dado à rua em que tinha a sua chácara, onde hoje está situado o Mackenzie.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 155, 205, 567, 641; *The Foreign Missionary* (Novembro 1886), 251; Léonard, *Protestantismo Brasileiro*, 96; Maria Cecília Naclério Homem, *Higienópolis: Grandeza e Decadência de um Bairro Paulistano* (São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1980), 33-35.

John Theron Mackenzie (1818-1892)
Advogado, benfeitor do Mackenzie College

John Mackenzie é um personagem envolto em certo mistério, visto que as fontes fornecem informações por vezes bastante divergentes sobre ele. Era natural de Phelps, Nova York, onde nasceu no dia 27 de julho de 1818 (segundo Temudo Lessa, teria nascido em 1810). Era ainda criança quando ocorreu a independência do Brasil e mais tarde leu escritos de José Bonifácio de Andrada e Silva em que este falava da necessidade da instrução popular no Brasil. John pensou em seguir o magistério e consagrar-se ao ideal da educação do povo brasileiro. Porém, com a morte do pai, teve de sustentar a família e o seu plano foi esquecido. Seguiu por cerca de cinquenta anos a carreira de advogado, na qual fez fortuna. Em 1890, lembrou-se do país ao qual desejara servir na mocidade. Dividiu a fortuna em três partes: duas para cada irmã e a terceira para a causa da instrução no Brasil. Foi quando soube da situação da Escola Americana de São Paulo, carente de recursos para a construção de um edifício para o curso superior. Interessado por assuntos na área de mineralogia e tecnologia, fez uma doação à Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos para que se construísse no Brasil uma escola de engenharia segundo os métodos pedagógicos norte-americanos. Em 15 de setembro de 1890, ele, William Dulles Jr. e Henry M. Humphrey assinaram um acordo acerca da criação do “Mackenzie College”. O filantropo veio a falecer no dia 17 de setembro de 1892.

Outra versão diz que, após o falecimento de Mackenzie, as suas irmãs, também contempladas no testamento do velho advogado, apoiaram o seu legado de trinta mil dólares para a educação da mocidade brasileira, ampliando-o para cinquenta mil dólares. Foi então que o testamentário soube dos planos educacionais da Junta de Missões de Nova York em São Paulo. Em 1892, o Dr. Horace Lane foi chamado aos Estados Unidos para receber o legado. O edifício da Escola de Engenharia, situado na esquina das Ruas Maria

Antonia e Itambé, teve a sua construção iniciada em 16 de novembro de 1893, sob a supervisão do Rev. Dr. William A. Waddell. No dia 12 de fevereiro seguinte foi lançada a pedra angular, tendo numa das faces as palavras “Mackenzie College – Anno Domini 1894”, e na outra, “Às Ciências Divinas e Humanas”. Assim, o nome dado inicialmente ao edifício passou depois à instituição e o Colégio Protestante tornou-se o Mackenzie College.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 453s; Garcez, *Mackenzie*, 109-112; Ribeiro, *IPB, da Autonomia ao Cisma*, 293-296; “Edifício Mackenzie”: www.mackenzie.com.br/centro_historico/edificio/edif_john.htm.

Antônio José dos Santos Neves (1827-1874)

Poeta, antigo membro da Igreja do Rio

A professora Henriqueta Braga afirma que Santos Neves nasceu e morreu no Rio de Janeiro. Já David Gueiros Vieira, citando Augusto Vitorino Alves Sacramento Blake, autor do *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, diz que ele nasceu em Salvador, Bahia. Era taquígrafo do Senado e funcionário do Ministério da Guerra. Foi um dos primeiros membros da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, tendo professado a fé com o Rev. Alexander L. Blackford em 26 de abril de 1863. Foi um dos fundadores do jornal *Imprensa Evangélica*, em novembro de 1864. Quando o Rev. Ashbel G. Simonton fundou o Seminário do Rio, em 1867, no Campo de Santana, Santos Neves residiu com a família no terceiro andar do prédio que abrigava a igreja e suas instituições educacionais (a fachada do andar térreo desse edifício histórico ainda existe, como foi constatado recentemente por um pesquisador). Sua esposa, Dona Gervásia Neves, que professara a fé em 9 de agosto de 1863, era diretora da escola paroquial, professora da escola dominical e organista da igreja. Tiveram pelo menos três filhos.

Santos Neves era poeta e deixou dois volumes de poesias. O primeiro, intitulado *Louros e Espinhos* (1867), era uma obra de 52 páginas de versos patrióticos e religiosos sobre a Guerra do Paraguai, que também continham um apelo ao imperador para que concedesse completa liberdade de culto ao país. No final da guerra, em 1870, publicou seu segundo livro de poesias, intitulado *Homenagem aos Heróis Brasileiros*, livro esse dedicado ao imperador Pedro II. Neves tornou-se maçom por volta de 1868 e defendeu a abolição da escravidão. Foi autor de muitos hinos evangélicos que foram publicados pelo Rev. Alexander Blackford em *Cânticos Sagrados*, treze dos quais passaram a figurar nos *Salmos e Hinos*. Entre eles estão “A nosso Pai no céu”, “Pendurado no madeiro”, “Se nos cega o sol ardente” e “Entre os bens que o mundo ostenta”. O hinário *Novo Cântico* tem dois de seus hinos (nº 13 e 268). Faleceu no dia 25 de março de 1874, quatro dias antes da inauguração do templo da Igreja do Rio de Janeiro, o primeiro templo presbiteriano do Brasil, quando se preparava para essa solenidade.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 112, 118, 126a (foto); Herculano de Gouvêa, “A. J. dos Santos Neves” (folheto, 1920); Braga, *Música Sacra Evangélica*, 323s; Vieira, *Protestantismo, Maçonaria e Questão Religiosa*, 150s.

Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva (1834-1900)

Ex-padre, intelectual, professor

Santos Saraiva nasceu no dia 22 de fevereiro de 1834 em Vila Seca de Armemar, Portugal, sendo seus pais Antônio dos Santos Saraiva, um rabino espanhol originário da Síria, e Ana Rita Rolla. Em algumas fontes, seu primeiro sobrenome consta como Ruiz e o segundo como Sanctos. Em 1850, formou-se em teologia e direito em Coimbra, revelando especial interesse pelas línguas semíticas. Aprofundou os seus estudos lingüísticos em Londres, tornando-se conhecedor de muitos idiomas antigos e modernos. Também estudou ciências tais como numismática, paleografia, mineralogia e botânica. Em 1860, veio para o Brasil, trabalhando como capelão na Companhia de Mineração de Morro Velho, em Minas Gerais. Seis anos depois, foi para o Rio Grande do Sul, servindo como vigário em São Francisco de Paula e colaborando com jornais daquela província. Escreveu uma obra de fôlego, “Subsídios de Hermenêutica Bíblica”, cujo manuscrito existente no Arquivo Histórico Presbiteriano tem o imprimatur original do cardeal patriarca de Lisboa, datado de 26 de agosto de 1869.

Após uma viagem a Portugal, retornou ao Brasil por volta de 1870 e residiu por algum tempo no Rio de Janeiro, tendo sido diretor do Colégio D. Pedro de Alcântara, no Botafogo. Certa vez, foi convidado por D. Pedro II para uma visita, ocasião em que conversaram por duas horas sobre línguas vivas e mortas. Produziu para a Casa Garnier, ao longo de cinco laboriosos anos, o seu volumoso *Dicionário Latino*, pelo qual recebeu irrisória compensação (ainda recentemente, no ano 2000, a Editora Garnier lançou a 11ª edição do famoso dicionário). Em 1875, deixando a batina, foi ser agricultor em Picadas do Norte, município de São José, em Santa Catarina. Em 1887, passou a colaborar ativamente com vários periódicos, como o *Jornal do Comércio*, de Desterro (Florianópolis), defendendo o ideário republicano. Após a Proclamação da República, com a qual se decepcionou, seguiu para Pelotas, no Rio Grande do Sul, onde lecionou no Ateneu Pelotense e no Colégio Evolução.

Deve ter sido no início de 1889, durante uma visita a Desterro, que o Rev. George Chamberlain o convidou para fazer a revisão de uma tradução da Bíblia e para lecionar na Escola Americana e no Mackenzie. Mas somente em 20 de maio de 1892 Santos Saraiva chegou a São Paulo. No Mackenzie, lecionou história universal, português, latim e literatura portuguesa e bíblica. Era um homem erudito e respeitado filólogo. Aprofundou-se no latim, no grego, no hebraico, no árabe, no siríaco e em outros idiomas. Embora tenha deixado a igreja católica romana, não chegou a fazer profissão de fé na igreja evangélica. Como latinista, além do *Dicionário Latino*, deixou uma gramática. Como hebraísta, deu valiosa contribuição na sua *Harpa de Israel*, uma versão dos Salmos a partir do original, publicada pelo Rev. Chamberlain em 1898, através da Casa Vanorden.

Colaborou com a *Imprensa Evangélica*, em prosa e verso, e depois com *O Estandarte*. Publicou em 1888 uma obra de polêmica religiosa, *A Burla Católica Romana ou O Flagelo*

Legal da Sociedade. Seu filho, o Dr. Eliézer dos Santos Saraiva, tornou a publicá-la em 1932 com o título *O Catolicismo Romano ou A Velha e Fatal Ilusão da Sociedade*, precedida de uma valiosa introdução biográfica. Em 1889, foi publicado em forma de folheto o seu manifesto de abjuração do catolicismo. Nos seus últimos dias, o velho sábio estava empenhado na preparação de um colossal *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Não passou do meio da letra “A”. Faleceu no Hospital Samaritano no dia 3 de julho de 1900, depois de reafirmar a sua fé em Cristo.

Eliézer dos Santos Saraiva (1879-1944), nascido em São José, Santa Catarina, formou-se em engenharia civil no Mackenzie e trabalhou no Instituto Agrônomo e Geográfico de São Paulo (Serviço Meteorológico do Estado de São Paulo). Ele e sua esposa Ana Felícia foram membros atuantes da Igreja Presbiteriana Unida, em São Paulo. Eliézer fundou o Esforço Cristão dessa igreja em setembro de 1900, presidindo-o até 1907. Foi um dos maiores propulsores dessa organização para jovens, cuja 1ª Convenção Nacional realizou-se em 25 de novembro de 1902, na própria Igreja Unida. Por vários anos, foi esforçado secretário da Junta Nacional dessa entidade e também da sua União Sul-Americana. Foi ainda um dos fundadores da Aliança Evangélica, em 23 de março de 1902, sendo eleito 1º secretário. No dia 21 de maio de 1903 foi ordenado presbítero da Igreja Unida, na qual destacou-se como paladino da escola dominical.

Foi professor da escola dominical a partir de 1914 e superintendente da mesma desde 1920. Tendo estudado a organização mais pedagógica das escolas, que eram, a princípio, voltadas apenas para a memorização do catecismo, foi ele o promotor das primeiras convenções de escolas dominicais. Promoveu encontros de confraternização da sua escola dominical em locais como o Instituto JMC (Jandira) e o Lar das Flores (Suzano). Aposentado, viveu por alguns anos na chácara da família em São José, colaborando com a Igreja de Florianópolis e com a escola dominical da mesma. Mais tarde, retornou para São Paulo. Traduziu o texto de George Davis, “Oração e Reavivamento”, aparecido inicialmente na revista *Unitas* e publicado em 1950, em forma de livreto, pela Comissão da Campanha do Centenário.

Sua morte se deu em circunstâncias inusitadas. Tendo levado o Conselho da Igreja Unida a aprovar um plano que muito agradou, devia expô-lo igualmente ao plenário da escola dominical. A solenidade começou com um discurso do pastor, Rev. Miguel Rizzo Jr., no qual este expressou todo o reconhecimento da igreja pelo imenso trabalho do Dr. Eliézer. O homenageado comoveu-se até as lágrimas. Nessas circunstâncias é que começou a falar. Falou da forma planejada por cerca de quinze minutos. Ao terminar a exposição desfaleceu; só conseguiu dizer umas poucas palavras. Passou a noite inconsciente e às oito horas do dia seguinte faleceu. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e escreveu uma biografia do seu ilustre pai intitulada “O Sábio das Picadas”.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 324s, 340, 554, 613, 648s, 656; Ferreira, *História da IPB*, II:319; “Manifesto do padre Santos Saraiva”, *O Estandarte* (31-07-1931), 11; *O Puritano* (10-07-1944), 2; “Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva: Dados Biográficos”, em *O Catolicismo Romano ou a Velha e Fatal Ilusão da Sociedade* (São Paulo: Empresa Editora Brasileira, 1932), 9-18; Olivetti, *Na Esteira dos Passos de Deus*, 128ss, 209s.

Augusto Fausto de Souza (1835-1890)
Militar, político, biógrafo do Rev. Conceição

Fausto de Souza nasceu no dia 12 de janeiro de 1835, no Rio de Janeiro. Bacharelou-se em matemática e ciências físicas. Também cursou engenharia civil (1º ano), engenharia militar e botânica. Casou-se em 1859 com Amélia Eufrásia das Chagas, com a qual teve nove filhos. Fez carreira no Exército Brasileiro, começando na Arma de Engenharia e chegando ao posto de coronel do Estado Maior da Artilharia. Foi instrutor em escolas militares no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. Participou da Guerra do Paraguai, sendo condecorado com a Medalha da Ordem de Cristo, a Medalha Geral da Campanha do Paraguai e a Medalha da Ordem de São Bento de Aviz. Tornou-se diretor do Laboratório Pirotécnico do Campinho, no Rio de Janeiro, em 9 de junho de 1868.

Quando capitão, acolheu humanamente o Rev. José Manoel da Conceição na véspera da morte deste (25-12-1873), na enfermaria militar do Campinho. Poucas semanas depois, em 14 de janeiro de 1874, foi promovido a major. Aos domingos ia assistir aos cultos na Igreja do Rio de Janeiro, na Travessa da Barreira. Em 12 de maio de 1888, já como coronel, foi nomeado presidente da Província de Santa Catarina, cargo que exerceu até o ano seguinte. Em 1889, o Rev. George W. Chamberlain, na condição de missionário do Sínodo Presbiteriano, fez cinco conferências religiosas em Desterro (atual Florianópolis), com a presença de pessoas destacadas, alarmando os elementos clericais. Em certa ocasião, acompanhado de sua comitiva, o coronel Fausto visitou o ex-padre e erudito Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva na chácara deste em Picadas do Norte, nas proximidades de Desterro.

Fausto de Souza não chegou a fazer profissão de fé, mas abraçou o evangelho e teve morte serena e edificante. A morte do Rev. Conceição pode ter contribuído para a sua conversão. Foi um dos melhores colaboradores do periódico *Imprensa Evangélica*. Traduziu do francês a valiosa obra *Cristo é Tudo* e escreveu os fascículos *Os Infalíveis de Roma*, um resumo histórico sobre a vida dos papas, publicados como suplementos da *Imprensa Evangélica*. Também escreveu uma útil biografia do Rev. Conceição que foi publicada na *Imprensa Evangélica* em janeiro e fevereiro de 1884, na forma de suplemento, sob o título “Ex-padre José Manoel da Conceição”. Na área secular, publicou na Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil o estudo “A Baía do Rio de Janeiro: sua história e descrição de suas riquezas” (Tomo XLIV, Parte II, 1881). Em 1874, publicou a obra “Manual das munições e artifícios de guerra escrito para uso dos inferiores e soldados do Exército Brasileiro”. Seu último cargo foi como diretor do Arsenal de Guerra da Corte. Faleceu no dia 20 de dezembro de 1890.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 340s; Lessa, *Padre José Manoel da Conceição*, 72; Saraiva, *O Catolicismo Romano*, 13; Arquivo Geral do Exército Brasileiro, Rio de Janeiro.

Miguel Vieira Ferreira (1837-1895)
Engenheiro, fundador de uma nova igreja

O Dr. Miguel nasceu no dia 10 de dezembro de 1837 em uma família aristocrática de São Luís do Maranhão. Indo para o Rio de Janeiro, obteve o grau de engenheiro e doutor em ciências físicas e matemáticas pela antiga Escola Central (mais tarde Politécnica), defendendo teses em 3 de julho de 1863. Era casado com Maria da Glória, irmã do conhecido matemático e deputado Joaquim Gomes de Souza. Cientista e homem de negócios, agrônomo, ideólogo e filantropo, ficou conhecido por diversas publicações, pelas suas atividades republicanas e pela fundação de uma espécie de universidade popular, a “Escola do Povo”. Inicialmente materialista, depois nutriu algum interesse pelo espiritismo. Começou a freqüentar a Igreja do Rio com o seu pai e outros familiares em meados de 1873. Em 5 de abril de 1874, foi recebido por profissão de fé e batismo pelo Rev. Alexander L. Blackford, que em 14 de setembro o ordenou presbítero. Acompanhou esse missionário em algumas viagens de evangelização; em uma delas, em 1874, pregaram pela primeira vez na cidade de Valença. No mesmo ano, o Dr. Miguel pregou por várias semanas seguidas em São Sebastião do Alto, a auditórios de até 300 pessoas.

De 1876 a 1879, a Igreja do Rio foi pastoreada pelo Rev. Dillwin M. Hazlett. Esse missionário tinha uma tipografia à qual se dedicava a ponto de não ter tempo para preparar os sermões. Entregou então ao púlpito ao Dr. Miguel, que não tinha preparo teológico. Este começou a fundamentar o seu ensino em sonhos e visões, pretendendo ter revelações diretas de Deus. O escândalo causado levou o conselho da igreja a intervir, suspendendo-o do presbiterato e vedando-lhe o púlpito (06-02-1879). O Presbitério do Rio de Janeiro confirmou o ato do conselho. Desgostoso, o Dr. Miguel retirou-se da igreja levando consigo vinte e sete pessoas, a maioria parentes seus, e criou a Igreja Evangélica Brasileira, fundada em 11 de setembro de 1879, poucas semanas antes de ser suspenso da comunhão da Igreja Presbiteriana, em 29 de setembro.

Em 1891, envolveu-se com a questão do “Cristo no Júri”, título que deu ao livro que então lançou, reunindo muito material publicado sobre o caso e atacando fortemente a igreja católica. A imagem de Cristo no júri produziu a celeuma. Um jurado, membro da igreja do Dr. Ferreira, pediu a retirada da imagem, não sendo atendido. Certo dia, algumas pessoas invadiram a sala e despedaçaram o símbolo. A repercussão foi tremenda e causou grandes transtornos ao Dr. Miguel. Os pastores do Rio tiveram de ir à imprensa para mostrar que não tinham ligações com a igreja dele. A igreja romana repôs a imagem e realizou procissões de desagravo em diversos lugares.

O Dr. Miguel V. Ferreira faleceu em 20 de setembro de 1895, sendo substituído na direção da igreja por seu irmão Luiz Vieira Ferreira (1835-1908), também engenheiro, tradutor do hino “Junto ao trono de Deus preparado” (*Novo Cântico*, nº 192). O Dr. Miguel foi o tradutor do conhecido opúsculo *O Futuro dos Povos Católicos* (1875), do professor católico belga Émile de Laveleye, e da *Profissão de Fé dos Velhos-Católicos da Alemanha*. Em 1876, publicou através da livraria Laemmert o *Dicionário Geográfico Elementar do Novo Testamento*, de B. O. Cooper. Uma filha sua, Rosa Edith de Souza Ferreira, que estudou e

lecionou na Escola Americana de São Paulo, casou-se com o professor Remígio de Cerqueira Leite. A Igreja Evangélica Brasileira conta atualmente com 26 comunidades locais, estando dez em São Paulo (capital e interior), cinco no Estado do Rio, três na Bahia e uma cada em outros oito estados.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 154, 160-164, 177; *The Foreign Missionary* (Julho 1874), 57s; (Outubro 1874), 139s; (Novembro 1875), 180; Léonard, *Protestantismo Brasileiro*, 67-70; Émile-G. Léonard, *O Iluminismo num Protestantismo de Constituição Recente*, trad. Prócoro Velasques Filho e Lóide B. Velasques (São Paulo: Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1988 [1952]); Vieira, *Protestantismo, Maçonaria e Questão Religiosa*, 152-156; Internet: www.igrejaevangelicabrasileira.com.br

José Carlos Rodrigues (1844-1923)
Jornalista, intelectual, bibliófilo e filantropo

José Carlos Rodrigues nasceu em Cantagalo, na Província do Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1844. Depois de formar-se na célebre Faculdade de Direito de São Paulo (1864), passou a trabalhar em uma grande empresa do Rio, que veio a falir. Com isso foi para os Estados Unidos, residindo em Nova York durante quinze anos (1867-1882). Passou um inverno na Universidade de Princeton, iniciando o estudo do grego. Relacionou-se com os meios jornalísticos, foi correspondente do *Jornal do Comércio* (1870-1879) e publicou o jornal *O Novo Mundo* (1867-1879), que circulava no Brasil e em cujo empreendimento teve a colaboração do Rev. Francis J. C. Schneider. Em 1874, era o único jornal ilustrado em português a circular no Brasil e tinha dez mil assinantes. Publicou ainda a *Revista Industrial* (1878-1879). Seguiu então para Londres, a fim de obter um vultoso empréstimo para a construção de uma estrada de ferro no Brasil, passando naquela capital a maior parte dos oito anos seguintes. Ali também foi correspondente do *Jornal do Comércio* e colaborou com *The Times* e *Financial News*. Quando jovem estudante de direito, escreveu a obra *Constituição Política do Império do Brasil*, publicada no Rio de Janeiro em 1863 pelos irmãos Laemmert. Foi ele quem propôs o nome Escola Americana para a instituição educacional criada em São Paulo pelo Rev. George W. Chamberlain.

Por volta de 1862, quando estudante em São Paulo, ao regressar a cavalo de uma visita à família, passou alguns dias com amigos em uma fazenda, onde viu e leu a Bíblia pela primeira vez. Provavelmente tratava-se de um dos exemplares distribuídos pelo missionário metodista Daniel Parish Kidder quando residiu no Brasil (1837-1842). Mais tarde Rodrigues tornou-se amigo do pastor presbiteriano James Cooley Fletcher (1823-1901), que também esteve no Brasil, ao qual auxiliou na revisão de uma das edições (1879) do seu famoso livro *O Brasil e os Brasileiros* (1ª ed., 1857), uma atualização da obra anterior de Kidder, *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil* (1845). Quando residia em Nova York, Rodrigues começou a trabalhar numa revisão ou nova tradução da Bíblia em português, a pedido da Sociedade Bíblica Americana. Inicialmente, lia a Bíblia como história; com o tempo, porém, passou a lê-la devocionalmente, cultivando também a prática da oração. Até o fim da vida foi leitor atento da Escritura e sua vida era a de um crente,

embora não tenha feito profissão de fé. Seu interesse pela Bíblia foi estimulado por pregadores que ouviu nos Estados Unidos e na Inglaterra.

Os novos tempos prometidos pela Proclamação da República fizeram-no voltar ao Brasil. Em 1889 organizou em Paris uma companhia com capital brasileiro e no ano seguinte comprou *O Jornal do Comércio*, fundado em 1827, que foi um dos periódicos de maior circulação do país. Perseguido pelo governo de Floriano Peixoto (1891-1894), Rodrigues refugiava-se na casa do amigo Antônio Januzzi, que fez levantar uma parede falsa atrás da qual ele se escondia, quando procurado pela polícia. Seus artigos e editoriais durante os vinte e cinco anos em que foi editor do *Jornal do Comércio* demonstravam a sua familiaridade com a Bíblia e o seu amor pelas suas verdades. Em ocasiões especiais como o Natal e a Páscoa, costumava publicar longos e edificantes estudos sobre a vida e os ensinamentos de Cristo, alguns dos quais vieram a ser publicados em forma de opúsculo. Certa vez trouxe à luz uma série valiosa escrita por seu amigo Rev. Hugh C. Tucker, com os seguintes títulos: “A Bíblia e os ideais nacionais”, “A Bíblia e a educação pública”, “A Bíblia e a moral”, “A Bíblia e a literatura”. Graças a ele, o Rev. Álvaro Reis pôde sair a campo em suas célebres controvérsias. Foi amigo dos pregadores da época e o seu jornal trazia regularmente notícias sobre a obra protestante no Brasil. A *Imprensa Evangélica* publicou artigos de sua lavra.

Por ocasião da passagem do século, a comissão oficial encarregada de produzir o Livro do Centenário convidou-o para escrever um capítulo sobre as religiões não-católicas do país. O estudo sobre “As Religiões Acatólicas no Brasil”, publicado posteriormente como um livro de 279 páginas, tornou-se, pela riqueza das informações e o equilíbrio dos juízos, uma fonte importante para todos os que têm escrito sobre o assunto. Rodrigues reuniu até então a maior e mais valiosa coleção de documentos e livros raros sobre o Brasil. Produziu um extenso catálogo comentado da mesma (680 pp.), sob o título *Biblioteca Brasiliense*, cuja edição de apenas 100 cópias foi publicada em 1907, somente na parte referente ao Brasil colonial. Vendeu a preciosa coleção por 150 contos de réis (50 a 60 mil dólares na ocasião) a um magnata, que a presenteou à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Investiu o dinheiro em uma policlínica para crianças carentes. Também colaborou decisivamente com instituições evangélicas como o Instituto Central do Povo (instituição social metodista), o Hospital Evangélico, a Associação Cristã de Moços e as próprias igrejas locais.

Interessava-se vivamente pelas relações internacionais. Visitou o Panamá e fez um estudo exaustivo dos planos do francês Ferdinand de Lesseps quanto à abertura do Canal do Panamá, concluindo que só o governo americano teria condições de realizar tal obra. Em visita ao Rio de Janeiro, o presidente Theodore Roosevelt (1901-1909) lhe disse que o seu livro o havia levado a iniciar a construção do famoso canal. Após deixar a direção do seu jornal (1915), Rodrigues dedicou cinco árduos anos ao estudo do Velho Testamento, sobre o qual escreveu obra alentada, em português, que ele mesmo publicou na Escócia (*Estudo Histórico e Crítico do Velho Testamento como Registro da Atividade Divina na História de Israel e Preparatória à Revelação Cristã*, 2 vols., Edimburgo: T. & A. Constable, 1921, 1360 pp., edição de 2 mil exemplares). Valeu-se de fontes disponíveis em inglês, francês e alemão e sua obra reflete o liberalismo do século 19. Apesar da influência da alta crítica,

tece considerações elevadas sobre o elemento sobrenatural da Escritura e o seu caráter cristocêntrico. Grande apreciador da música, fez muitos comentários sobre a poesia e a música semítica em seu livro sobre o Antigo Testamento. Também nutria profundo interesse pelo período interbíblico e no final da vida preparava-se para escrever uma obra sobre a vida de Cristo e o Novo Testamento.

Homem de projeção no Rio, amigo de brasileiros e estrangeiros ilustres, muitos dos quais hospedou (Theodore Roosevelt, William Jennings Bryan, Josiah Strong, entre outros), não se envergonhava de se dizer admirador e seguidor da Bíblia. Costumava distribuir exemplares dos Evangelhos e do Novo Testamento em suas viagens internacionais. Considerava a imprensa religiosa e um ministério nacional bem preparado como os instrumentos mais eficientes para instruir o povo no conhecimento das Escrituras. Tendo adoecido no início de 1923, seu estado agravou-se em maio. Uma operação a que se submeteu no Rio de Janeiro não foi bem sucedida, mas ele recuperou-se o suficiente para ir a Paris em busca de um dos cirurgiões mais hábeis da época. Nos seus últimos dias, manifestou uma fé viva e um renovado apreço pela leitura da Bíblia e pela oração. Faleceu na capital francesa no dia 28 de junho de 1923 e foi sepultado no Cemitério Highgate, em Londres, em 21 de julho. Seu nome foi dado ao antigo internato do Mackenzie College na Rua Piauí, em São Paulo.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 451; Ferreira, *História da IPB*, II:321s; *The Foreign Missionary* (Junho 1874), 23; Hugh C. Tucker, *Dr. José Carlos Rodrigues (1844-1923): A Brief Sketch of his Life*. Nova York: American Bible Society, 1924. Pasta Leigos, Arquivo Presbiteriano; Garces, *Mackenzie*, 29s; Ribeiro, *Igreja Evangélica e República Brasileira*, 1, 205s, 273; Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, 283s; “Rodrigues, José Carlos”, *Enciclopédia Barsa*, 1995, Vol. 13, p. 452; www.jornaldocommercio.com.br.

Júlio César Ribeiro (1845-1890)

Filólogo e escritor

Filho do americano George Washington Vaughan e da brasileira Maria Francisca Ribeiro, seu nome completo era Júlio César Ribeiro Vaughan. Distinguiu-se como filólogo, jornalista e romancista. Nasceu em Sabará, Minas Gerais, mas residia em Taubaté ao conhecer o evangelho. Em 11 de dezembro de 1869 escreveu da Fazenda da Caieira uma carta ao Rev. Francis J. C. Schneider chamando-o de pai espiritual, testificando sobre a sua fé e dizendo sentir-se um dos escolhidos de Deus. Pouco antes, no dia 7, havia escrito em inglês ao Rev. George W. Chamberlain, em resposta a uma carta deste (escreveu-lhe novamente em 10 de janeiro de 1870). Em 17 de abril de 1870, professou a fé e foi batizado pelo Rev. Chamberlain na Igreja Presbiteriana de São Paulo. No dia da sua profissão de fé, estava presente o Rev. Alexander L. Blackford, que batizou a menina Laura, filha do pastor da igreja. Seis meses depois, em 2 de outubro, a mãe de Júlio também foi recebida à comunhão presbiteriana, estando presente o Rev. Schneider.

No dia da profissão de fé da sua mãe, Júlio apresentou ao batismo o seu escravo menor Joaquim, por cuja educação cristã se responsabilizou. Foi o primeiro menino escravo a constar das atas da Igreja de São Paulo. Mais tarde, deu-lhe carta de alforria, bem como à sua mãe, que também aceitara o evangelho. Júlio foi um dos primeiros professores da Escola Americana, a partir de 1º de agosto de 1870. No dia 4 de fevereiro de 1871, o Rev. Chamberlain oficiou em Sorocaba o seu casamento com Sofia Aurelina de Souza Bertoldo, filha da primeira família que abraçou o evangelho naquela cidade e irmã de Olímpia, a futura esposa do Rev. Antônio Bandeira Trajano.

Júlio Ribeiro mostrou-se fervoroso nos seus tempos de fé evangélica e teve o privilégio de atrair algumas pessoas ao evangelho. Colaborou com a *Imprensa Evangélica* e ocupou o púlpito muitas vezes em lugares como Sorocaba, Itapira, Campinas e Ubatuba. Em uma de suas cartas, Antônio Pedro de Cerqueira Leite diz que no dia 12 de abril de 1873, um domingo de Páscoa, o ouviu pregar de improviso um belo sermão sobre os sofrimentos de Cristo. Foi candidato ao ministério e acompanhou os missionários e pastores em diversas viagens evangelísticas. Após residir em São Paulo e Sorocaba, mudou-se para Campinas, sendo transferido para a igreja presbiteriana daquela cidade em 20 de março de 1876. Em 23 de dezembro do mesmo ano esteve em Itapira, acompanhando o Rev. Edward Lane. Pregaram nessa ocasião e no dia seguinte houve celebração da Ceia do Senhor. Lecionou no Colégio Internacional. Em Campinas, a sua fé esfriou, vindo a tornar-se livre pensador, racionalista e agnóstico. Dizem alguns que a morte da esposa e de um filhinho o teriam deixado revoltado contra Deus. Em 1881, já afastado do evangelho, casou-se em segundas núpcias com Belisária Amaral, em Capivari. Mesmo quando incrédulo, Júlio tinha lampejos de fé, orando com a filhinha, confessando os seus pecados e falando com a esposa sobre temas religiosos. Certa vez, em Capivari, recebeu com alegria uma visita do Rev. Chamberlain. Seu filho Joel, de onze anos, estudava na Escola Americana em 1889.

Júlio Ribeiro veio a falecer em Santos, em 1890, vitimado pela tuberculose. Quando mal de saúde, recomendou à companheira as Escrituras, citando o texto: “Elas dão testemunho de mim” (João 5.39). Em 16 de janeiro de 1890, disse numa carta ao Dr. Horace M. Lane: “Eu vou na mesma, ora melhor, ora pior, sofrendo sempre”. Concluiu com um pós-escrito em inglês: “Always, always I trust in God” (Sempre, sempre confio em Deus). Depois de viúva, Belisária converteu-se em São Carlos. Indo para São Paulo, professou a fé com o Rev. Eduardo Carlos Pereira em 2 de agosto de 1896. Sua filha Maria Júlia Ribeiro, arrolada na Igreja de São Paulo em 6 de julho de 1902, casou-se com o licenciado e futuro presbítero Albertino Álvaro Pinheiro, filho do presbítero Joaquim Honório Pinheiro. Belisária teve por muitos anos a Pensão Brasileira, que lhe serviu de instrumento para a conversão de muitos de seus pensionistas. Após prolongada enfermidade, faleceu aos 80 anos no dia 3 de junho de 1938.

Em Campinas, antes de abandonar a fé, Júlio Ribeiro auxiliou o Rev. John Boyle na revisão do hinário que publicou em 1888, *Hinos Evangélicos e Cânticos Sagrados*. Traduziu os dois primeiros volumes da *História da Reforma do Décimo Sexto Século*, de J. H. Merle D'Aubigné, o hino *Dies Irae* e o comovente hino de Zuínglio quando atacado pela peste. De sua pena, entre traduções e trabalhos originais, apontam-se os seguintes cânticos: “Nas

trevas espessas da morte e pecado”, “Eia, às armas”, “A Deus exaltemos”, “Quanta dor, quanta amargura” e “Quero estar ao pé da cruz” (os dois últimos estão no hinário *Novo Cântico*, nº 188 e 107). Em Campinas, publicou o romance histórico *Padre Belchior de Pontes*, escrito em Sorocaba. Esse livro dá evidências da fé evangélica do autor pela maneira como é revelado o plano de salvação aos olhos de Belchior – justificação pela fé em Cristo. Após abandonar a igreja, escreveu sua obra mais conhecida, o romance naturalista *A Carne* (1888), caracterizado pela sua sensualidade crua e sua visão cínica da vida. Produziu ainda diversas obras na área da filologia e uma gramática muito usada nas primeiras décadas do século 20.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 39, 74, 78-84, 78a (foto), 420, 520s, 632, 651; *The Foreign Missionary*: Abril 1870, p. 258s, Agosto 1870, p. 71s; Braga, *Música Sacra Evangélica*, 326s; Vieira, *Protestantismo, Maçonaria e Questão Religiosa*, 151s; “Carta de Júlio Ribeiro a Horace M. Lane”, 16-01-1890, Arquivo Fred Lane.

Maria Paes de Barros (1851-1952)

Membro de família ilustre, benemérita, escritora

Maria de Souza Barros, depois Maria Paes de Barros, pertenceu a uma das famílias mais ilustres de São Paulo no século 19, tendo nascido no dia 9 de julho de 1851. Era a primogênita de uma família patriarcal de dez filhos, sendo seus pais o comendador Luís Antônio de Souza Barros e D. Felicíssima Campos Barros. Seu avô paterno era o Brigadeiro Luís Antônio. Também eram aparentados com os Souza Queirós. Segundo os genealogistas, a família descendia, através dos soberanos de Portugal, dos imperadores de Leão e de Carlos Magno, além dos caciques Piquerobi e Tibiriçá. O comendador Luís Antônio foi cafeicultor, senhor de escravos e um dos fundadores da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. A família residia em um imponente sobrado na rua de São João, a maior casa da cidade na época. Eram proprietários de muitas terras no interior da província, entre as quais a rica fazenda Corumbataí, em Piracicaba, onde passavam os meses de inverno.

Devido à sua condição privilegiada, Maria entregou-se desde a infância ao estudo, familiarizando-se com o alemão, o francês e o inglês, suas literaturas, ciências e artes. Em 1868, casou-se com o seu primo Antônio Paes de Barros, filho de Rafael Paes de Barros, primeiro Barão de Piracicaba. O casal teve vários filhos: Gertrudes, Rosalina, Maricota, Antônio e outros. O esposo tornou-se senador da República, mas depois perdeu a saúde e Maria teve de assumir a direção da casa. Eram liberais convictos, recebendo em sua residência líderes como Campos Salles, Cerqueira César, Bernardino de Campos, Francisco Glicério e Leite de Moraes.

As seis filhas do comendador Luís Antônio vieram a filiar-se à Igreja Presbiteriana de São Paulo, e depois também a sua esposa. A primeira a se converter foi justamente a primogênita Maria, através do testemunho de uma simples doméstica, Inácia Maria Barbosa, que havia se filiado à igreja no mesmo dia em que D. Maria Antonia da Silva Ramos (02-07-1878). Todavia, duas irmãs fizeram profissão de fé antes que ela: Elisa em

10 de outubro de 1886 e Felicíssima em 7 de agosto de 1887. Maria Paes de Barros filiou-se à igreja em 3 de junho de 1888, batizando na ocasião os seus filhos. Nos dois anos seguintes, professaram a fé Adelina, Eugênia, Antônia e a mãe, D. Felicíssima. O pai não manifestou expressamente a sua adesão, mas é certo que morreu na fé evangélica.

Maria levantou apreciável soma para a fundação do Hospital Samaritano. Em 21 de julho de 1892, quando foi colocada a pedra fundamental dessa instituição, foi convidada para lançar a primeira colher de massa. Seu marido fez parte da primeira diretoria. Concorreu por muitos anos para a manutenção de um estudante de teologia e, como presidente da Sociedade de Senhoras, colaborou na campanha para a construção do edifício do Seminário Presbiteriano. Foi ainda uma das diretoras da Maternidade de São Paulo e fundadora do primeiro Tênis Clube da cidade. Interessada pelos estudos históricos, em 1932, já idosa, publicou uma *História do Brasil* que lhe granjeou o título de membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Aos 94 anos, publicou um interessante livro de memórias, *Do Tempo de Dantes* (1946), reeditado recentemente, cujo prefácio foi escrito por Monteiro Lobato. Correspondeu-se com intelectuais da França, Inglaterra e outros países. Sua filha Maria Luíza foi arrolada na Igreja de São Paulo em 4 de janeiro de 1891 e as filhas Otília e Rosalina em 7 de maio de 1893. Rosalina veio a casar-se com o Rev. Otoniel Mota. Dona Maria Paes de Barros faleceu aos 101 anos no dia 11 de setembro de 1952.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 284, 305, 331, 347, 360s, 378b (foto), 389s, 434s, 459, 526, 589; “Extraordinária palestra com uma escritora de cem anos”, *A Gazeta* (14-07-1951); “Primeiro ano do segundo século”, *A Gazeta* (09-07-1952); Luís Correia de Melo, *Dicionário de Autores Paulistas* (São Paulo: Comissão do 4º Centenário de São Paulo, 1954), 91; Léonard, *Protestantismo Brasileiro*, 96s; Braga, *Música Sacra Evangélica*, 139s; Maria Paes de Barros, *No Tempo de Dantes* (São Paulo: Paz e Terra, 1998 [1946]).

Joaquim Honório Pinheiro (1852-1934)

Presbítero e pregador leigo em São Paulo e Minas Gerais

O presbítero Joaquim H. Pinheiro nasceu em Borda da Mata, onde foi organizada em 1869 a primeira igreja presbiteriana de Minas Gerais. Foi dos antigos crentes de Brotas, da época do velho missionário Robert Lenington, por quem foi batizado. Sua esposa, Maximina Maria Gouvêa Pinheiro, pertenceu ao grupo dos fundadores da Igreja de Brotas, sendo filha de Antônio Francisco de Gouvêa e Sabina Maria de Gouvêa, em cuja casa foi organizada aquela igreja histórica. Maximina por recebida por profissão de fé e batismo pelo Rev. Alexander L. Blackford no dia da organização da igreja (13 de novembro de 1865), quando contava onze anos de idade. Joaquim foi diácono em Rio Claro e presbítero em Dois Córregos. Nesta última cidade também foi vereador. Era muito amigo de Manuel Ribeiro dos Santos, pai do coronel Joaquim Ribeiro, tendo contribuído para a sua conversão.

Acompanhado da esposa e dos filhos Carlota, Henriqueta e Albertino, foi arrolado na Igreja de São Paulo, por transferência de Dois Córregos, no dia 5 de fevereiro de 1897. No dia 16

de maio, foi eleito presbítero da sua nova igreja (até 1910). Mais tarde exerceu o presbiterato no Rio de Janeiro e em Borda da Mata, sua terra natal. Exerceu o cargo de tesoureiro das Missões Nacionais. Foi negociante e industrial, e prestou muitos serviços à causa evangélica e à sociedade. Foi um dos veteranos da Igreja Presbiteriana Independente, à qual serviu por um decênio, no final de sua longa vida, como pregador leigo em Borda da Mata, Pádua Dias, Areado e Pinhal do Campestre, onde faleceu. Casou-se em segundas núpcias com Maria Coutinho Pinheiro. Sua filha Carlota Ernestina Pinheiro foi esposa do Rev. Alfredo Borges Teixeira e Henriqueta foi a primeira esposa do Rev. Vicente Temudo Lessa (a segunda esposa deste foi Francisca Leme T. Lessa, 1874-1952). Quando faleceu, em 1923, Maximina era a última sobrevivente do primitivo grupo dos presbiterianos brasileiros.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 34s, 524s, 600; Teixeira, *Coronel Joaquim Ribeiro*.

Tertuliano Goulart (1855-1939)
Jornalista e presbítero em Araguari

Tertuliano Goulart (Tula) residiu em Araguari, no Triângulo Mineiro. Na juventude, foi fotógrafo ambulante. Certa feita, em viagem com o tio e o primo Querubino dos Santos (Bino), visitou uma fazenda em Araxá, onde conheceu a sobrinha do proprietário, Maria Otília (Marica), com quem veio a casar-se. Tertuliano, Maria Otília e Querubino foram os primeiros conversos do Rev. John Boyle, missionário pioneiro no Brasil Central. Quando os dois primos residiam em Bagagem (Estrela do Sul), haviam começado a ler uma Bíblia que lhes viera às mãos. Depois, ficaram sabendo através do jornal *Imprensa Evangélica* que o missionário Boyle se oferecia para explicar o evangelho a quem o procurasse. Escreveram-lhe para Mogi-Mirim, pedindo que fosse visitá-los. Quando Boyle foi a Bagagem, descobriu que eles haviam se mudado para Araguari, onde os encontrou e, achando-os preparados, recebeu-os por profissão de fé no dia 13 de julho de 1884. Outras pessoas recebidas na ocasião foram Teodolina Mendes de Carvalho (mãe de Tula), Isolina Goulart Coelho e Querubina Furbino de Carvalho (mãe de Bino). Foram os primeiros presbiterianos de todo o Triângulo Mineiro e do Brasil Central.

Após a profissão de fé, Tertuliano voltou a residir em Bagagem, onde começou a atuar no jornalismo, atividade que exerceu por 45 anos. Montou a sua própria tipografia e publicou diversos periódicos como “Bagagem”, “O Garimpeiro” e “Estrela do Sul”, sendo auxiliado por seu primo. A partir de 1889, ambos ajudaram o Rev. Boyle na publicação do combativo jornalzinho *O Evangelista*. Tertuliano retornou definitivamente para Araguari em 1894, fundando no mesmo ano “O Araguari”, o primeiro jornal da cidade. Ele mesmo escrevia, compunha e imprimia o seu jornal, que manteve por 36 anos, prestando grandes serviços à sua região. Incentivado por Boyle, tornou-se um profundo estudioso da Bíblia e um autodidata, sendo conhecedor de uma grande variedade de assuntos como política, indústria, comércio, transportes, ciências, legislação, religião, música e algumas línguas. Em 1896 foi arrolado na Igreja de Araguari (organizada em 5 de agosto de 1893), sendo eleito diácono e depois presbítero e secretário do conselho por quase 40 anos. Maria Otília

foi uma das fundadoras da Sociedade de Senhoras daquela igreja, em 1896. Tertuliano faleceu no dia 1º de junho de 1939. O casal Goulart teve onze filhos: Clodomir, Elfrida, Jorge, Ramiro, Paulo, Pérola, Ester, Elsa, Célia, Teodósia e Perina. Clodomir foi diretor-gerente do periódico presbiteriano *O Puritano*; Ramiro e Paulo, jornalistas; Elfrida, poetisa; Ester, professora. Pérola casou-se com o Rev. Galdino Moreira (1889-1982).

Jorge Thompson Goulart foi consagrado ao ministério pela sua mãe e por D. Agnes Boyle no dia do seu nascimento, 30 de maio de 1889. O motivo foi o recente falecimento do Rev. George W. Thompson, de quem ele tomou o nome. Criado em um ambiente fortemente cristão, teve duas grandes mestras no curso primário e parte do secundário, as missionárias Kate Bias Cowan e Mary Blanche Dunlap. Outras pessoas que o influenciaram em Araguari foram o Rev. Palmiro Ruggeri, seu pastor e benfeitor, e D. Lucy Hall Morton, sua protetora e segunda mãe, a quem fazia companhia durante as longas viagens do Rev. Charles Morton. Colaborou na tipografia do pai, cujo gerente era o irmão mais velho Clodomir. Em 1909, foi encaminhado pelo Rev. Robert Daffin ao Curso Anexo do Seminário Presbiteriano, em Campinas, sendo recebido como candidato ao ministério pelo Presbitério de Minas. No ano seguinte, foi para o Instituto Gammon, em Lavras, onde concluiu os preparatórios. No dia 17 de dezembro de 1912, casou-se com Ignez Cavazza, uma professora do Gammon que havia sido educada pela missionária Ruth Bosworth See.

Retornou para o Seminário de Campinas em 1913, foi licenciado em Piumhi em fevereiro de 1915 e concluiu os estudos em meados do mesmo ano. Sua ordenação verificou-se no dia 16 de janeiro de 1916, sendo seu primeiro campo composto das Igrejas de Lavras, Nepomuceno e suas congregações (Presbitério Sul de Minas). Participou do Congresso da Obra Cristã na América do Sul (1925), em Montevideu, e foi um grande partidário do Rev. Erasmo Braga e seus projetos, como o Seminário Unido. Em 1928, tornou-se o primeiro secretário geral do trabalho feminino da Igreja Presbiteriana do Brasil. Foi professor do Seminário de Campinas de 1934 a 1961, tendo lecionado por muitos anos cerca de dez matérias. Foi também deão por onze anos e reitor de 1947 a 1950. Ao longo desse tempo, foi pastor auxiliar da Igreja Unida de São Paulo, organizou a Igreja de Vila Mariana e deu assistência às Igrejas da Bela Vista, Pinheiros, Brás e Campinas. Como o pai, atuou no jornalismo, colaborando com os periódicos *Fé e Vida*, *Unitas* e *Correio Popular*. Foi um assíduo freqüentador dos concílios da igreja presbiteriana. Sua jubilação ocorreu em 1959. Faleceu em Campinas no dia 4 de outubro de 1967.

Bibliografia: Ferreira, *História da IPB*, II:315s; “Presb. Tertuliano Goulart”, *O Puritano* (25-6-1939), 1; Chaves, *Bandeirantes da Fé*, 33-35; Jorge Goulart, *Memórias* (Piracicaba: Editora Aloisi, 1963); Ferreira, *Pequena História da Missão Oeste*, 24s; Silva e Silva, *Igreja Presbiteriana de Araguari*, 35-41, 64-66.

Antônio Jannuzzi (1855-1949)
Empresário e filantropo do Estado do Rio

Antônio Jannuzzi nasceu em Fuscaldo, na Calábria, sul da Itália, em 1855, sendo seus pais Fioravante Jannuzzi e Luigia de Seta. Após concluir os estudos primários, passou a trabalhar com o pai, que era construtor. Aos quinze anos já era um eficiente mestre de obras. Em 1872, acompanhado do irmão José, dois anos mais novo que ele, e dos tios José e Inácio de Seta, seguiu para Montevideu, no Uruguai, onde permaneceu apenas três anos. Em busca de melhores oportunidades, os dois irmãos seguiram para o Rio de Janeiro em 1875. Diante dos convites da família para que retornasse ao lar, Antônio disse que só voltaria quando tivesse no peito uma cruz de cavaleiro. Começaram a trabalhar para o engenheiro Januário Cândido de Oliveira, que foi o seu primeiro protetor. A primeira obra realizada pelos irmãos foi a construção do plano inclinado para a ferrovia de Santa Tereza, então um bairro elegante do Rio de Janeiro. Pouco tempo depois, os irmãos constituíram sua primeira firma, Antônio Jannuzzi e Irmão, alcançando grande êxito em seu ramo de atividade. Entre 1881 e 1884, vieram trabalhar com eles outros dois irmãos, Francisco e Camilo. Em junho de 1886, o rei da Itália conferiu a Antônio a comenda de cavaleiro da Ordem Equestre da Coroa da Itália.

O comendador Antônio Jannuzzi fixou-se em Valença, no interior do Estado do Rio. Foi engenheiro-arquiteto, projetista e capitalista. Foi o maior construtor do Rio de Janeiro no início do século 20, sendo o preferido dos arquitetos por sua competência e senso de responsabilidade. Quando foi aberta a Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco, ele edificou o maior número de prédios do novo logradouro, no total de vinte e três. O primeiro edifício ali inaugurado foi exatamente o escritório técnico da sua firma. Na ocasião, houve um culto de ação de graças dirigido pelo Rev. Álvaro Reis. Terminou por ofertar à avenida o obelisco com que ela acabava na Praia de Santa Luzia. Construiu o Teatro Municipal, a Biblioteca Pública, o Museu de Belas Artes e o prédio do *Jornal do Comércio*, do amigo José Carlos Rodrigues. Construiu ainda o templo da Igreja Metodista do Catete (1886), em estilo neogótico, e o Palácio Pedro Ernesto (Câmara de Vereadores), edifícios esses ainda existentes. Sua preocupação com as condições de vida dos trabalhadores urbanos o levou a escrever a obra *Casas Operárias* (1908), apresentada ao Congresso Médico Latino-Americano.

Januzzi ganhou muito dinheiro e deu muito dinheiro às igrejas do Rio de Janeiro (na capital e no interior), aos jornais evangélicos, ao Hospital Evangélico, à Associação Cristã de Moços (ACM), ao Ateneu Valenciano e ao Orfanato Presbiteriano. Foi membro da Igreja Presbiteriana de Valença, à qual deu um dos mais belos terrenos e templos do país, na rua Nilo Peçanha, nº 6. Ali a igreja foi organizada pelo Rev. Franklin do Nascimento no dia 8 de abril de 1910. Nesse mesmo ano foi para lá o Rev. Constâncio Omero Omegna (1877-1927), que teve um próspero pastorado. Fundou o Ateneu Valenciano, colégio evangélico de propriedade da igreja e doação do Comendador Januzzi. Funcionou em uma bela chácara até a ida de Omegna para o Seminário Presbiteriano.

Um evento doloroso da carreira bem-sucedida do construtor ocorreu no dia 7 de junho de 1917. Januzzi construía a poucos metros do templo da Igreja Presbiteriana do Rio o York Hotel, de seis andares. Nesse dia, a queda acidental de uma viga de aço de 1.200 kg fez ruir a parte superior da parede mestra, ainda sem vigamentos. Essa seção caiu sobre o último

pavimento, que, com o seu grande peso, provocou o desabamento total do edifício, causando a morte de 40 pessoas e ferimentos graves em outras 20. Acompanhado do filho Julinho, o Rev. Álvaro Reis acabava de passar pelo local, encontrando-se do outro lado da rua, e foi o primeiro a apresentar as suas condolências ao desolado comendador. Januzzi colaborou muito com a Igreja do Rio e o seu nome sempre se destacava nas listas de contribuintes para diferentes causas. Numa relação de ofertas do Natal em 1905 consta o “cofre das filhinhas de A. Januzzi”. Seus irmãos José e Francisco, bem como várias outras pessoas da família, foram ativos participantes daquela igreja.

No Rio, Januzzi construiu os templos das Igrejas do Caju, Botafogo e Copacabana, contribuindo com parte das despesas. Já nonagenário e adoentado, assistiu nos últimos tempos os cultos da Igreja Episcopal de Santa Teresa, que lhe ficava mais acessível. Faleceu no dia 23 de junho de 1949, oficiando no seu sepultamento o pastor episcopal Rodolfo Ranussem. O jornalista José Carlos Rodrigues lhe dedicou a sua obra *Religiões Acatólicas no Brasil, 1500-1900*. O Rev. Álvaro Reis dedicou o seu sermão “O Tribunal de Cristo”, publicado em 1901, “à família Januzzi, representada na pessoa do comendador Antônio Januzzi”. Sua esposa, Ana Januzzi, falecida aos 82 anos em 19 de novembro de 1938, foi crente por mais de meio século. Era ovelha do Rev. Galdino Moreira. Protegeu e educou um menino pobre, José Borges dos Santos Júnior, que veio a ser destacado pastor da Igreja Unida de São Paulo, pregador eloqüente e presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Bibliografia: Ferreira, *História da IPB*, II:317, 349; Notícia sobre o desabamento do York Hotel, *O Puritano* (14-06-1917), 10; “D. Ana Januzzi”, *O Puritano* (10-12-38), 2; “Sr. Eng. Antonio Januzzi”, *O Puritano* (10-8-1949), 6; Marc Ferrez, *O Álbum da Avenida Central: Um documentário fotográfico da construção da Avenida Rio Branco, Rio de Janeiro, 1903-1906* (São Paulo: Editora Ex Libris, 1982), 44; “Antonio Jannuzzi, Fratello e C. – Architetti e Costruttori”.

Remígio de Cerqueira Leite (1858-1904)

Professor e presbítero em São Paulo

Remígio nasceu em Sorocaba no dia 21 de outubro de 1858, sendo filho de Francisco Messias, um irmão mais velho do Rev. Antônio Pedro de Cerqueira Leite (1845-1883). Era conhecido na família como Remiginho, para distinguir-se do seu tio do mesmo nome, o “Remígio Velho”. Ainda adolescente, auxiliou o seu tio e mentor Antônio Pedro na direção e ensino de uma escola primária em Sorocaba. Seguiu para São Paulo a fim de estudar na Escola Americana, tendo sido recebido na Igreja da Rua 24 de Maio, por transferência da Igreja de Sorocaba, em 1881. Sua primeira esposa foi Rosa Edith de Souza Ferreira (nascida em 21-12-1862), uma professora da Escola Americana, filha do Dr. Miguel Vieira Ferreira. O casal teve cinco filhos e Rosa Edith faleceu aos 28 anos no dia 20 de janeiro de 1891. Dois filhos desse casamento foram Henriqueta (1883) e Remígio (1885), que estudaram na Escola Americana. Henriqueta foi batizada pelo Rev. John B. Howell em 3 de junho de 1883. Mais tarde, Remígio casou-se em segundas núpcias com Cacilda Pereira de Moraes,

irmã de Francisca, esposa do presbítero Myron August Clark. Cacilda e Francisca eram filhas do farmacêutico Manoel Pereira de Morais, um dos primeiros membros da Igreja Presbiteriana de Caldas e parente do Rev. Eduardo Carlos Pereira.

Remígio foi aluno brilhante da Escola Americana e professor eficiente de várias matérias por quinze anos (1877-1892). O Catálogo de 1885 informa que ele lecionava português, latim, retórica e história. Era rigoroso no cumprimento dos seus deveres, mas também expansivo, travando relações com facilidade. Afastado da Escola Americana em virtude das lutas eclesiásticas da época, tornou-se professor de francês na Escola Normal da Praça da República. Foi nomeado para essa cadeira por Bernardino de Campos, de cujas filhas era professor particular. Era primo do Rev. Eduardo Carlos Pereira, de quem sempre foi grande amigo e admirador. Foi eleito diácono da Igreja de São Paulo no dia 23 de março de 1884 e ordenado em 13 de abril. Chegou ao presbiterato em 2 de maio de 1886, sendo ordenado no dia 25 do mesmo mês. Tomaram parte na sua ordenação os Revs. Eduardo, John B. Howell e Donald C. McLaren. Foi um dos fundadores e professores do Instituto Teológico, fundado pelo Rev. Eduardo em 13 de fevereiro de 1893, e grande incentivador da construção do Seminário da Rua Maranhão, a partir de 1895. Manteve-se sempre fiel ao seu pastor, fazendo palestras e escrevendo artigos para *O Estandarte*. Faleceu repentinamente no dia 14 de maio de 1904, quase um ano após o cisma presbiteriano. Do segundo casamento também teve vários filhos: Cacilda (1897-1988), Odila (1899-1944), Lísias (1900-1906), Ondina (1902-1991) e outros. Seu último filho estava com apenas dois meses de idade.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 154, 197-199, 228, 412, 429, 504a (foto); Ferreira, *Apóstolo de Caldas*, 36s; lápide, Cemitério dos Protestantes.

Francisco Augusto Deslandes (1860-1937)

Colportor, auxiliar de missionários, fundador de igrejas

Francisco Deslandes nasceu no Rio de Janeiro em 10 de dezembro de 1860, sendo seus pais o francês François Auguste Deslandes, ajudante de ordens do Conde d'Eu, e a portuguesa Inácia da Anunciação Vidal da Fonseca, uma das primeiras crentes evangélicas a aportarem no Brasil. Inácia foi membro da Igreja Presbiteriana do Rio e uma das sócias benfeitoras do Hospital Evangélico. Francisco e o irmão foram para Ouro Preto, então a capital de Minas Gerais, como representantes de firmas comerciais do Rio de Janeiro. Ofereciam os seus serviços como afinadores de pianos. Hospedavam-se no hotel do capitão Joaquim da Cunha Carvalho, com cuja filha, Filomena, Francisco veio a casar-se em 28 de agosto de 1885.

A esposa converteu-se primeiro, após uma visita à Igreja Presbiteriana do Rio, onde viviam os parentes do marido. Francisco converteu-se em 1892 na Igreja Metodista, em Ouro Preto. Em uma de suas visitas a essa cidade, o Rev. Samuel R. Gammon convidou-o para trabalhar na tipografia da Escola de Lavras. Depois de algum tempo em São João Del Rei, Francisco foi para Lavras, onde permaneceu durante quatro anos. Ajudou a missionária Charlotte Kemper a publicar literatura cristã e foi colportor no sul e oeste de Minas, trabalhando com os Revs. Gammon, David G. Armstrong e Horace S. Allyn, junto aos quais enfrentou

perseguições. Colaborou por anos com a Sociedade Bíblica Americana. De Lavras foi para o Rio de Janeiro e em 1898 voltou a residir em Ouro Preto, onde instalou a firma Beliche Mineiro, uma casa de sementes de flores e hortaliças.

Em 21 de dezembro de 1899, a família mudou-se para a nova capital, Belo Horizonte, fundada apenas dois anos antes. Francisco continuou a cooperar com a igreja metodista, que acabara de abrir um trabalho na nova capital, exercendo o cargo de superintendente da escola dominical. Conseguiu do governador do estado, Dr. João Pinheiro, um grande terreno onde foram construídos o templo metodista e, em 1904, o Colégio Isabela Hendrix. Francisco era admirador do Rev. Álvaro Reis, pastor da Igreja Presbiteriana do Rio, por suas muitas qualidades e por ser defensor do uso do cálice comum na Santa Ceia, insatisfeito com a sua igreja metodista, que não adotava esse método de comunhão. É provável que tenha convidado o Rev. Álvaro para ir fazer uma série de conferências em Belo Horizonte, visando, possivelmente, a fundação de uma igreja presbiteriana nos moldes da Igreja do Rio, com o seu cálice comum. Em 1913, o Rev. Álvaro publicaria o opúsculo “O Cálice Eucarístico”, tratando desse tema polêmico.

Atendendo ao apelo do seu admirador, Álvaro Reis passou a ir periodicamente à capital mineira, fazendo pregações e realizando atos pastorais (Santa Ceia, batismos, profissões de fé e casamentos). O então Presbitério do Sul de Minas, vendo assim a possibilidade da fundação de uma igreja e com base nos crentes que assistiram às conferências, resolveu organizar uma congregação, designando para isso o Rev. Américo Cardoso de Menezes, pastor da Igreja de Lavras. Este, no dia 26 de agosto de 1912, na residência de Francisco Deslandes, instalou oficialmente a congregação, com o nome de Igreja Cristã Presbiteriana de Belo Horizonte, estando presente oito adultos e dezesseis crianças, inclusive oito filhos do casal Deslandes. Na mesma ocasião foi fundada a escola dominical sob a superintendência do hospedeiro e a sociedade de senhoras, cuja primeira presidente foi Filomena de Carvalho Deslandes. Francisco foi presbítero da igreja de 1917 a 1923.

A igreja adotou o cálice comum até 1923, quando o Rev. Júlio Camargo Nogueira instituiu o cálice individual, como recomendava o Livro de Ordem da denominação. Isso levou Francisco Deslandes, o fundador da igreja, a sair dela com um pequeno grupo de adeptos e amigos, fundando em 25 de março de 1924 a Congregação Cristã do Cálice Comum, que anos depois veio a desaparecer. Francisco faleceu em Lavras no dia 18 de julho de 1937 e sua esposa em Belo Horizonte, em 12 de dezembro de 1942. Vários de seus filhos participaram por muitos anos da Igreja de Belo Horizonte; outro filho, Euclides Deslandes, foi ministro episcopal. Vários membros da família foram membros atuantes da Igreja do Rio de Janeiro por muitos anos. Em 1917, quando se comemorou o jubileu de ouro da Escola Dominical daquela igreja, somente três participantes originais de 1867 estavam presentes: Dona Inácia Fonseca Deslandes (com 80 anos), sua filha Terezinha Deslandes Guimarães e o Rev. Antônio Trajano.

Bibliografia: Lessa, Annaes, 469; “F. A. Deslandes”, *O Estandarte* (28-10-1893), 4; *Relatório do Movimento Espiritual e Financeiro da I. P. do Rio de Janeiro* (1917), 15-18; Lisboa, *História da Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte*, 3-7, 135-140.

Antônio Gomes da Silva Rodrigues (1862-1938)

Médico e presbítero em São Paulo

O Dr. Silva Rodrigues era natural de Sorocaba, onde conheceu o evangelho e fez os primeiros estudos com o Rev. Antônio Pedro de Cerqueira Leite. Ingressou na Escola Americana em 1878, sendo recebido por profissão de fé na Igreja de São Paulo, pelo Rev. George W. Chamberlain, em 2 de maio de 1880. O Presbitério do Rio de Janeiro o recebeu como candidato ao ministério em setembro de 1882, em Rio Claro. Ele e Caetano Nogueira, já candidato, prestaram vários exames. Prestou novos exames perante o presbitério em 1883 (São Paulo) e 1885 (Sorocaba). Casou-se no primeiro semestre de 1885 com Maria de Camargo Rodrigues, residindo naquela época em Dois Córregos. Foi licenciado em 3 de setembro de 1886 e posto sob os cuidados do Rev. João Fernandes Dagama. Seu sermão de prova versou sobre Isaías 1.18. Foi trabalhar em São José do Rio Pardo, onde passou por dificuldades financeiras, segundo narrou em suas interessantes “Reminiscências”. Não recebia a verba da Missão e tinha compromissos a satisfazer e família a sustentar. Abandonou o campo em desespero e, com sacrifício, foi aos Estados Unidos para estudar medicina, carreira que seguiu com eficiência.

Manteve-se afastado da Igreja de São Paulo por dez anos (1889-1899). Obtida a restauração e residindo em São Carlos, levou para lá a sua transferência (22-07-1899), sendo eleito presbítero daquela igreja em 10 de setembro. A partir de 1901, exerceu o presbiterato na Igreja Unida de São Paulo. Tomou parte destacada na “Questão Maçônica”, defendendo a princípio a maçonaria e achando-a compatível com a fé evangélica. Todavia, em 23 de janeiro de 1902 *O Estandarte* publicou a sua “Carta Aberta” confessando-se vencido na questão maçônica. Os artigos do Rev. Eduardo C. Pereira o haviam convencido da incompatibilidade. Rompeu então com a maçonaria e eventualmente filiou-se à 1ª Igreja de São Paulo, da qual também foi presbítero (1904-1906). Colaborou por muitos anos com *O Estandarte* e outros jornais evangélicos, assinando seus artigos como “Silvaro”. Traduziu em 1885 um folheto do Rev. A. Marsh, “O dever de os cristãos batizarem seus filhos”. Participou da reorganização da Associação Cristã de Moços de São Paulo, sendo eleito vice-presidente em 3 de janeiro de 1903. São muitas valiosas do ponto de vista histórico as suas “Reminiscências” publicadas em *O Estandarte* em 1933. Faleceu no dia 18 de maio de 1938.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 175s, 206, 223, 245s, 250, 265, 504b (foto), 576, 637s, 647s, 656; A. G. Silva Rodrigues, “Reminiscências”, *O Estandarte* (20-10-1933), 1s.

Antônio Teixeira da Silva (1863-?)

Advogado e polemista em São Paulo

O Dr. Teixeira da Silva nasceu em Tietê, Província de São Paulo, no dia 13 de outubro de 1863. Era irmão de D. Alexandrina Teixeira da Silva Braga, esposa do Rev. João Ribeiro de

Carvalho Braga e mãe do Rev. Erasmo de Carvalho Braga. Formou-se em 1886 pela Faculdade de Direito de São Paulo, tendo sido bibliotecário da mesma em 1891. Foi recebido por profissão de fé pelo seu sobrinho, na Igreja de Niterói, em 1900. Por alguns anos, foi grande propagandista da fé evangélica, pregando em praças públicas e escrevendo folhetos e livros. Em 1901, criou em São Paulo o jornal *A Luz Divina*. Sua principal obra foi *O Catolicismo Romano e o Cristianismo Puro* (1902), texto de controvérsia, ao sabor da época, que teve grande circulação.

Em 23 de março de 1903, esteve entre os organizadores da Aliança Evangélica, em São Paulo. Essa organização, da qual foi eleito secretário geral, era voltada para a evangelização por meio de folhetos, artigos e pregações ao ar livre. Nos dias 16 a 18 de junho do mesmo ano, participou de um debate entre católicos e protestantes, representando os evangélicos perante uma numerosa audiência. Esforçou-se muito para evitar a cisão presbiteriana de julho de 1903. Além de atuar como advogado, lecionou no Curso Comercial Superior do Mackenzie College, organizado em 1902. Foi um dos primeiros membros da Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo. Andou afastado da fé por algum tempo, mas, durante a enfermidade que o levou à morte, mostrou-se contrito e arrependido. Seu nome foi dado a uma das ruas de São Paulo, uma travessa da Avenida Paulista.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 621s, 648, 654s, 671; Melo, *Dicionário de Autores Paulistas*, 577.

Vital Brasil Mineiro da Campanha (1865-1950)

Famoso médico e cientista

Vital Brasil nasceu na cidade de Campanha, em Minas Gerais, no dia 28 de abril de 1865. Seus pais, José Manoel dos Santos Pereira e Mariana Carolina Pereira de Magalhães, mudaram-se para a cidade de Caldas, onde professaram a fé com o Rev. Miguel Gonçalves Torres, que também batizou o menino Vital. Na infância, estudou na escola do Rev. Torres, na mesma cidade. Em 1880, aos 15 anos, foi para São Paulo com a família, sendo recebido por profissão de fé e batismo na Igreja Presbiteriana no dia 1º de janeiro de 1882. Em 1886, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Não perseverou por muitos anos na fé da sua mocidade. Em resposta a uma carta de exortação escrita pelo presbítero Manoel da Costa em nome do conselho da igreja, respondeu de modo resolutivo, concluindo: “Felizmente, já tenho a razão inteiramente livre da Bíblia e do fanatismo”. Foi excluído do rol em 30 de dezembro de 1888. Mais tarde, alguns membros da sua família abraçaram a fé. Formou-se em 1891 e logo depois se casou com a sua prima Maria da Conceição Filipina de Magalhães. Após um período em Paris, iniciou as campanhas contra a febre amarela, a cólera e a peste bubônica no Estado de São Paulo, tendo contraído algumas dessas doenças. Foi o grande cientista do Instituto Butantan (1905) e o criador do soro antiofídico, tendo iniciado os seus estudos de ofídios em Botucatu. Em 1919, fundou em Niterói o instituto que mais tarde recebeu o seu nome.

Sua primeira esposa faleceu em 1913 e ele casou-se em segundas núpcias com Diná Carneiro Viana, em 1920. Não perdeu o contato com a igreja e com os pastores. Foi amigo do Rev. José Ozias Gonçalves, que o chamou a Caxambu para resolver o problema do “barbeiro”, inseto que infestava a região, causando doenças. Em 1927, ao enviar o filho Osvaldo para estudar em Nova York, contou com os serviços do Rev. Erasmo Braga e de amigos deste nos Estados Unidos. O Dr. Vital Brasil faleceu no dia 8 de maio de 1950, aos oitenta e cinco anos. Apesar das palavras ditas ao conselho da Igreja de São Paulo, conhecia profundamente a Bíblia e tinha como lema “Veritas super omnia” (A verdade acima de tudo). Seus funerais foram oficiados pelos Revs. Benjamim de Moraes e Amantino Adorno Vassão na velha capela funerária do Catete, no Rio de Janeiro. Seus seis filhos dedicaram-se à medicina e a pesquisas. Um deles, o Dr. Vital Brasil Filho, morreu aos 32 anos, em 1936, vitimado por uma infecção contraída durante uma experiência.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 203s; “Dr. Vital Brazil – O Grande Cientista Patrício”, *O Puritano* (25-6-1950), 5; Ferreira, *O Apóstolo de Caldas*, 44; Léonard, *Protestantismo Brasileiro*, 103; Cartas de Erasmo Braga a W. Reginald Wheeler e Samuel G. Inman, 16-02 e 20-07-1927; Silva, *Igreja Presbiteriana de São João da Cristina*, 51; Internet: www.miniweb.com.br/Cidadania/vital_brasil.html.

Joaquim Ribeiro dos Santos (1865-1954)

Filantropo, educador, homem da igreja

O coronel Joaquim Ribeiro nasceu no dia 19 de maio de 1865 em São José do Paraíso, hoje Paraísoópolis, Minas Gerais. Foi o segundo filho de Manuel Ribeiro dos Santos e Maria das Dores da Conceição. A família residiu em Borda da Mata, onde em 23 de maio de 1869 foi organizada a primeira igreja presbiteriana de Minas Gerais. Mais tarde foram para Rio Claro, onde o pai se converteu sob a influência do Rev. João Fernandes Dagama e do amigo Joaquim Honório Pinheiro, que conhecera em Borda da Mata. Matriculou os filhos no Colégio Dagama. Em 26 de agosto de 1882, professou a fé na Igreja de Rio Claro, onde foi presbítero por muitos anos.

Na época em que seus pais foram para Rio Claro, o adolescente Joaquim residiu por quatro anos em São Paulo (1879-1883), onde trabalhou no comércio. Frequentou a igreja presbiteriana pastoreada pelo Rev. George Chamberlain, vindo a conhecer quase todos os pioneiros do presbiterianismo nacional. Seguindo para Rio Claro, deu prosseguimento aos estudos no Colégio Dagama e com mestres particulares, tais como Herculano Ernesto de Gouvêa e Antônio Gomes da Silva Rodrigues, enquanto continuava a trabalhar no comércio. Professou a fé no dia 6 de julho de 1884, e um ano depois, em 5 de julho de 1885, com apenas vinte anos, foi eleito diácono de sua igreja. No mesmo ano, em 30 de outubro, casou-se com Augusta Balbina de Lima, nascida em 10 de agosto de 1867. Augusta foi batizada pelo Rev. Alexander L. Blackford, estudou no Colégio Dagama e era parente próxima de irmãos do Rev. José Manoel da Conceição e da família Cerqueira Leite.

Com o auxílio da irmã professora, Joaquim fundou em 1889 o Colégio Fraternidade, sediado primeiro em Rio Claro e depois em Dois Córregos. Em 1891, foi trabalhar na Companhia de Melhoramentos de Brotas, da qual foi guarda-livros e mais tarde gerente. Tornou-se membro da igreja presbiteriana local, a mais antiga do interior de São Paulo. Foi recebido como candidato ao ministério pelo Presbitério de Minas em setembro do mesmo ano, em Mogi-Mirim, junto com Laudelino de Oliveira Lima. Assistiu à ordenação de Herculano de Gouvêa, João Vieira Bizarro e Bento Ferraz. Em 26 de fevereiro de 1893, foi ordenado presbítero da Igreja de Brotas pelos Revs. Herculano, Bizarro e Álvaro Reis. No Sínodo de 1894, no Rio de Janeiro, foi eleito 1º secretário. Quis estudar no instituto de Ortigal, perto de Jaú, fundado pelo Rev. John B. Howell, mas não pôde fazê-lo por razões financeiras, desistindo da candidatura ao ministério. Foi eleito vereador em Brotas (seria prefeito em 1912), participando ativamente da vida cultural da cidade. Na igreja, atuou como pregador leigo e superintendente da escola dominical. Hospedou missionários e pastores e os acompanhou em suas viagens evangelísticas. Interessando-se pela agricultura, adquiriu em 1900, em sociedade com o pai, uma propriedade em Três Saltos, a uma légua de Torrinha, à qual foi dado o nome de Fazenda Olivete.

Quando o Presbitério Oeste de São Paulo reuniu-se em Brotas em 1901, subscreveu uma proposta do Rev. Lino da Costa sobre a questão maçônica, proibindo “qualquer propaganda sobre a maçonaria nas igrejas de sua jurisdição”, a bem da paz e da harmonia. O Rev. Eduardo C. Pereira e o Prof. Remígio de Cerqueira Leite também eram parentes da sua esposa. Em 1903 foi residir na Fazenda Olivete, que havia prosperado com o cultivo do café. Nessa fazenda, hospedou praticamente todos os pregadores da época. Depois de algum tempo em Rio Claro, morou por seis anos em Campinas (1912-1918), visando os estudos dos filhos. Em 1919, tornou-se presidente da Comissão do Orfanato Presbiteriano; os outros membros eram Álvaro Reis, Guilherme C. Kerr, Herculano de Gouvêa e Basílio Braga. Residiu por alguns meses em Valença, Estado do Rio, onde em 20 de setembro o orfanato foi inaugurado nas instalações do Ateneu Valenciano. Depois de mais alguns anos na Fazenda Olivete, durante os quais foi eleito vereador do novo município de Torrinha, voltou a residir em Rio Claro. Em 2 de março de 1926, fundou o Instituto Joaquim Ribeiro, cuja instalação foi presidida pelo amigo Herculano de Gouvêa, pastor da igreja local. O instituto depois foi transformado em fundação e mais tarde oficializado, passando a chamar-se “Colégio Estadual e Escola Normal Joaquim Ribeiro”.

Em março de 1932, Joaquim participou da Assembléia Geral da IPB em Alto Jequitibá, sendo eleito vice-moderador. No final de julho, foi à Convenção Mundial de Escolas Dominicais, no Rio de Janeiro, representando as escolas dominicais do Estado de São Paulo. Vendeu a Fazenda Olivete em 1944 e dois anos depois mudou-se para Campinas, onde passou os seus últimos anos. Em 1951, comprou um hospital em Rio Claro que no ano seguinte foi doado à Associação Cristã de Beneficência, de São Paulo, recebendo o nome de Hospital Evangélico Joaquim Ribeiro. A referida Associação fora criada em 1948 na Igreja Unida de São Paulo e em 1960 viria a transferir todo o seu patrimônio, inclusive o Hospital Evangélico, para a Associação Evangélica Beneficente (AEB).

O coronel Joaquim Ribeiro faleceu no dia 4 de janeiro de 1954. Sua esposa, Augusta, havia falecido em 19 de maio de 1950. Eles e vários de seus filhos estão sepultados no Cemitério Protestante de Rio Claro. Criaram oito filhos (Erasmus, Julieta, Eurico, Ester, Renato, Silvino, Jandira e Plínio), além de sete que morreram pequenos. O Rev. Renato Ribeiro dos Santos (1898-1967) exerceu o pastorado em diversos lugares, inclusive na Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo, como auxiliar do Rev. Miguel Rizzo Jr., e destacou-se como musicista. O *Hinário Novo Cântico* tem diversos hinos de sua autoria, os de nº 59, 66, 219, 265, 275, 310 e 391. O Dr. Eurico Ribeiro dos Santos foi tesoureiro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Julieta casou-se com o Rev. Otávio Jensen.

Em todos os lugares onde residiu, Joaquim Ribeiro interessou-se não só pelo trabalho local, mas pela obra presbiteriana em geral. Foi tesoureiro da então Assembléia Geral e organizou a escrita da mesma, pois, além de mestre competente, foi hábil contador. Colaborou em revistas de escola dominical e integrou muitas comissões, sobretudo em assuntos administrativos. Escreveu muito em *O Evangelista*, *O Estandarte* e outros periódicos. Fez ofertas generosas para inúmeras causas. Colaborou com entidades como o Esforço Cristão, a Sociedade de Amigos do Seminário, Missão em Portugal, Associação Umuarama e Federação das Escolas Evangélicas. O Arquivo Presbiteriano tem uma coleção de cartas endereçadas a ele, a primeira do Rev. John Boyle, de 1890, a última do Rev. José Carlos Nogueira, de 1940. Durante esse meio século, dezenas de pastores lhe dirigiram a palavra, pedindo conselhos e recursos para acudir as mais variadas instituições e para a solução dos problemas mais vitais da Igreja Presbiteriana. Foi amigo chegado do Rev. Erasmus Braga, com o qual trocou vasta correspondência.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 367s; Ferreira, *História da IPB*, II:319s; “Augusta Balbina R. Dos Santos”, *O Estandarte* (31-07-1950), 14; Jorge Goulart, “Coronel Joaquim Ribeiro dos Santos”, *O Puritano* (10-01-1954), 4; Fausto Ribeiro Teixeira, *Coronel Joaquim Ribeiro: Político, Filantropo, Educador* (Campinas, 1965); *Novo Cântico: Hinário Presbiteriano*, 2ª ed. com música (São Paulo: Cultura Cristã, 1998), 99.

Augustus Farnham Shaw (1865-1939)

Presbítero, professor do Mackenzie e do Instituto Gammon

O professor Augustus Shaw nasceu em Clayville, Nova York, em 31 de dezembro de 1865, sendo filho e neto de pastores presbiterianos. Passou a infância em Fulton, Nova York, e Wellboro, Pensilvânia. Estudou na Wellboro High School e na Academia Phillips-Andover, matriculando-se a seguir na Universidade de Yale, onde recebeu o grau de bacharel em artes (B.A.) em 1892 e depois o de mestre em artes (M.A.). Após a sua formatura, lecionou por um ano em Dobbs Ferry, Nova York. Veio para São Paulo em julho de 1894, a fim de ensinar no Mackenzie College, do qual veio a ser deão. Casou-se com Adele Vanorden, filha do Rev. Emanuel Vanorden, que havia nascido no Brasil e fora educada na Suíça. Em 24 de novembro de 1895, foi arrolado na 2ª Igreja Presbiteriana de São Paulo, pastoreada pelo Rev. Modesto Carvalhosa, da qual se tornou presbítero em 1898. Quando da criação da Igreja Unida, em 1900, tornou-se o seu primeiro presbítero, ao lado de André (Anders)

Jensen. Pouco depois, também foram eleitos Antônio Gomes da Silva Rodrigues e Francisco Palmiro Ruggeri. Dona Adele foi líder da Sociedade Juvenil do Esforço Cristão, ministrando aulas bíblicas aos sábados em uma sala alugada para esse fim na Rua Major Sertório, aulas essas freqüentadas por muitos meninos.

Por razões de saúde, o professor Shaw retornou aos Estados Unidos em 1904, indo ensinar no Illinois College e depois no Occidental College, na Califórnia. Em agosto de 1907, o casal e os filhos Paulo e Eleanor vieram para Lavras, Minas Gerais, onde Shaw lecionou várias matérias no Instituto Gammon e serviu várias vezes como diretor. D. Adele, além de falar corretamente francês, inglês, alemão e português, era uma excelente enfermeira. Em 1914, voltou novamente para a sua pátria, lá permanecendo até 1936, exceto quando serviu como secretário da Associação Cristã de Moços junto às tropas portuguesas na França e em Portugal durante a Primeira Guerra Mundial. Em 1915, tornou-se diretor de Departamento de Física da Universidade Fisk, em Nashville, Tennessee, fundada logo após a Guerra Civil para receber estudantes afro-americanos. Depois do serviço com as tropas portuguesas, voltou à cátedra até aposentar-se em 1934. Tornou-se superintendente de um grande orfanato na Pensilvânia, mas em 1936 voltou ao Brasil, onde o filho Paulo Vanorden Shaw, nascido em 1898, viera ensinar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. O Dr. Shaw foi novamente convidado pelo Mackenzie para ficar responsável por alguns dos laboratórios de física, permanecendo nesse labor até o final de 1938, quando sofreu um ataque cardíaco. Em fevereiro de 1939 voltou para os Estados Unidos, falecendo em Wellboro no dia 1º de outubro.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 444, 463, 556, 558; Ferreira, *História da IPB*, I:509; II:137, 203; “Professor Augusto Shaw”, *O Noticiário Mackenzista*, Ano X, Nº XXVI (2º semestre de 1939), 3; “Dr. A. F. Shaw”, *O Puritano* (10-12-39), 2; Gammon, *Assim Brilha a Luz*, 109; Olivetti, *Na Esteira dos Passos de Deus*, 55, 149, 153, 203.

Myron August Clark (1866-1920)
Fundador da ACM no Brasil, presbítero

Myron Clark graduou-se pelo Macalester College, em St. Paul, Minnesota. Depois de trabalhar com a Associação Cristã de Moços (ACM) daquele estado, foi para o Missouri, trabalhando em Lexington e Kansas City. Foi enviado ao Brasil pela ACM de Missouri, mediante um convite feito por dois professores do Mackenzie que haviam sido seus colegas de classe em Minnesota. Chegou ao Brasil em 1891 e fixou residência em São Paulo, sendo arrolado na 1ª Igreja Presbiteriana no dia 4 de setembro daquele ano. Na mesma época, compareceu à segunda reunião do Sínodo Presbiteriano, na capital paulista, apresentando os seus planos de trabalho. Foi nomeado superintendente da escola dominical da sua igreja em 12 de julho de 1892. Em 20 de abril de 1893, casou-se com Francisca Pereira de Moraes (Chiquita), irmã da segunda esposa do Prof. Remígio de Cerqueira Leite, procedente da Igreja de Caldas, Minas Gerais.

Poucos meses depois, no dia 4 de julho, Myron Clark fundou a ACM do Rio de Janeiro, a primeira do país, sendo eleito presidente o acadêmico de medicina Nicolau Soares do Couto Esher. Com isso, Myron passou a residir na capital federal. Foi o primeiro presbítero da Igreja do Riachuelo, organizada em 21 de janeiro de 1894. Em agosto de 1895, organizou a ACM de São Paulo, sendo a primeira sessão preparatória realizada no dia 1º na Igreja Presbiteriana. A maioria dos sócios pertencia a essa igreja. Todos os alunos do Seminário Presbiteriano figuraram como fundadores e os pastores residentes na cidade faziam parte do quadro como membros honorários. Seu primeiro presidente foi, uma vez mais, o agora Dr. Nicolau Soares do Couto Esher. A ACM paulistana acabou entrando em declínio e foi reorganizada no final de 1903 e início de 1904. Muitos anos depois, foi presidida pelo notável médico presbiteriano Dr. Flamínio Fávero. Por vários anos, Myron foi superintendente da Escola Dominical da Igreja do Rio e Chiquita foi professora da mesma escola e presidente da Sociedade Auxiliadora de Senhoras. Em 21 de setembro de 1913, Myron e Francisca estiveram entre os membros fundadores da Igreja de Copacabana.

Em 1915, Myron Clark foi transferido para Portugal com a incumbência de organizar a ACM na Universidade de Coimbra. Como transcorresse a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e muitos jovens soldados portugueses tivessem ido lutar na França, acompanhou-os ao campo de batalha para assisti-los moral e espiritualmente, realizando notável trabalho. Depois de trinta meses de extenuante atividade, foi ao Estados Unidos em gozo de férias e regressou ao Brasil para continuar a sua obra, vindo a morrer no Rio de Janeiro em 16 de maio de 1920, dezessete dias após a sua chegada. Dois dias depois da sua morte, chegou a notícia de que havia sido agraciado pelo governo português com o grau de cavaleiro da Ordem de Cristo, pelos serviços prestados àquele país. Myron Clark chegou a ter ótimo domínio da língua portuguesa, tornando-se um notável intérprete. Nessa qualidade, foi solicitado a servir ao governo brasileiro algumas vezes, em cerimônias oficiais. Traduziu para o português vários livros, como *Pontos Básicos da Bíblia*, *A Narrativa Evangélica de Marcos*, *A Varonilidade do Mestre* e *Propaganda Individual*. Foi tradutor dos hinos “Preciosas são as horas na presença de Jesus” e “Nem sempre será para onde eu quiser” (Hinário *Novo Cântico*, nº 128 e 284).

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 360s, 371, 380, 389, 427, 446s, 470, 491s, 648; “Myron A. Clark”, *O Puritano* (27-05-1920), 4; Braga, *Música Sacra Evangélica*, 334s; *Ultimato* (Maio/Junho 1982), 21.

Nicolau Soares do Couto Esher (1867-1943)
Médico e presbítero em São Paulo e no Rio

Nicolau Esher nasceu no Rio de Janeiro em 30 de julho de 1867. Era filho do irlandês William Richard Esher, um dos primeiros diáconos e presbíteros da Igreja Presbiteriana do Rio (1866), e de Henriqueta Augusta Soares do Couto, os quais se casaram em agosto de 1860. Henriqueta foi batizada em Petrópolis pelo Rev. Robert R. Kalley em 7 de janeiro de 1859, em companhia de sua mãe, Gabriela Carneiro Leão, irmã do Marquês do Paraná e do Barão de Santa Maria. Havia sido evangelizadas por José Pereira de Souza Louro, o

primeiro converso batizado pelo Rev. Kalley em Petrópolis, em 8 de novembro de 1857. Mudando-se para o Rio de Janeiro, filiaram-se à igreja presbiteriana mediante carta de transferência datada de 8 de agosto de 1863. O casal teve três filhos – Guilherme, Nicolau e Henrique. O primeiro e o terceiro formaram-se em odontologia nos Estados Unidos; este último morreu naquele país após o falecimento da mãe. O presbítero William Esher foi superintendente da escola dominical da Igreja do Rio e sua esposa uma das professoras, ao lado de D. Gervásia Neves. Em 1871, ele foi para a Inglaterra e depois para os Estados Unidos, nunca mais voltando ao Brasil. Tornou-se pastor das igrejas metodista e episcopal independente, falecendo em 9 de agosto de 1901, estando presente o filho Nicolau.

Dona Henriqueta passou os seus últimos anos em São Paulo, destacando-se por sua grande piedade. Ela e sua mãe foram arroladas na igreja presbiteriana em 7 de abril de 1878. Durante anos, tomou conta do internato da Escola Americana. Sua casa na esquina da rua Vitória com o Largo do Arouche era o lugar onde aos sábados os estudantes iam passar a tarde. Cantavam, tocavam piano e flauta e recitavam. Ela e os filhos Nicolau e Henrique também tocavam e cantavam. Em 1885, ao regressar dos Estados Unidos, Guilherme contraiu tifo e teve de desembarcar em Recife, onde faleceu em 2 de outubro. Henriqueta foi ao encontro do filho e não suportou o golpe, falecendo um mês depois, em 2 de novembro. Foram sepultados no Cemitério de Santo Amaro. Dona Gabriela faleceu aos 84 anos no dia 14 de fevereiro de 1896, em Santana do Piraí, na Fazenda Santa Maria, pertencente ao seu irmão, o Barão de Santa Maria.

Em 1878, quando foi com a mãe para São Paulo, Nicolau estudou na Escola Americana. Foi recebido por profissão de fé pelo Rev. George W. Chamberlain no dia 6 de dezembro de 1885. Depois voltou para o Rio de Janeiro, onde cursou farmácia e em seguida medicina. Tornou-se o primeiro presidente da Associação Cristã de Moços do Rio, a primeira do país, fundada por Myron Clark em julho de 1893. Após a sua formatura, em 1894, retornou a São Paulo, sendo novamente arrolado na 1ª Igreja em 5 de abril daquele ano, por transferência da Igreja do Rio. Ao organizar-se a ACM de São Paulo, em agosto de 1895, foi também o seu primeiro presidente. Casou-se em 20 de janeiro de 1897, na Igreja Evangélica Fluminense (congregacional), com Ana Fernandes Braga, filha do industrial José Luiz Fernandes Braga, voltando a residir no Rio de Janeiro. Foi professor da classe de moços da Escola Dominical da Igreja do Rio.

No dia 10 de dezembro de 1897, começou a enviar artigos para *O Estandarte* sobre a inconveniência de pertencer o crente à maçonaria. As reações foram imediatas e o jornal aceitou artigos dos dois lados. O debate prolongou-se até fins de abril de 1899, tendo Nicolau, sob o pseudônimo de Lauresto, publicado doze artigos. No início de 1901, o Rev. Eduardo Carlos Pereira começou a abordar no mesmo jornal a “questão maçônica”, que foi o fator decisivo para a cisão do presbiterianismo brasileiro em 1903. Ana Soares do Couto Esher faleceu em 4 de julho de 1937 e o Dr. Nicolau em 5 de julho de 1943. Tiveram seis filhos: Henrique, Anita, Lauresto, Cristina, Guilherme e Dulce.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 41-43, 78b (fotos), 154, 260, 446, 470, 482, 491, 542, 585s, 623, 629; “Dr. Nicolau Soares do Couto Esher”, *O Estandarte* (31-07-1943), 5; “Dr.

Nicolau Soares do Couto Esher”, *O Puritano* (25-07-1943), 8; “Dr. Nicolau Soares do Couto Esher”, *Almenara* (24-08-1943), 1-4; Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, 270s.

Adelaide Luíza Molina (?-1917)
Professora da Escola Americana

Adelaide Molina foi uma das primeiras professoras da Escola Americana, em São Paulo, a partir de 1873, sucedendo Palmira Rodrigues quando esta contraiu núpcias com o licenciado Antônio Pedro de Cerqueira Leite. No dia 2 de maio de 1875, foi arrolada como membro da Igreja de São Paulo com a sua irmã Ana Rosa Molina, dois meses após o arrolamento do jovem Eduardo Carlos Pereira (7 de março). Em 1878, por ocasião de uma célebre visita à Escola Americana, ao deixar a classe dirigida pela professora Adelaide, D. Pedro II perguntou-lhe: “Que doutrina se ensina aqui?” E ela respondeu: “O Evangelho só”. Numa carta enviada ao periódico *The Foreign Missionary* em 27 de fevereiro de 1879, a missionária Elmira Kuhl informou que vinha fazendo visitas aos lares da igreja e dos alunos da escola acompanhada pela professora Adelaide. Elogiou a sua habilidade em comunicar-se com as pessoas e disse que ela passou por muitas provações depois que se converteu à fé evangélica. Por dois ou três anos, os seus familiares afastaram-se dela e fizeram tudo o que puderam para dificultar-lhe a vida. Sua atitude cristã os levou a mudar de comportamento.

Em 1885, o Catálogo da Escola Americana informava que Adelaide era “diretora da sala de primeiras letras”. Trabalhou nessa instituição até o final de 1892, quando se desligou da mesma em solidariedade ao professor Remígio de Cerqueira Leite, que havia sido despedido. Não teve dificuldade em abrir um colégio, graças ao prestígio de que gozava como professora. Em pouco tempo conseguiu mais de oitenta alunos. Foi professora de uma das classes da escola dominical da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo. Seu nome aparece nas listas de contribuição para diferentes causas da Igreja Presbiteriana Independente, publicadas em *O Estandarte*. Por muitos anos, foi diretora e professora da escola paroquial da igreja, inaugurada no dia 30 de julho de 1901, prestando relevantes serviços. Publicou uma gramática elementar de que fazia uso em suas classes. Faleceu em junho de 1917.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 134, 152, 429, 519, 618; Carta de Elmira Kuhl, *The Foreign Missionary* (Junho 1879), 14; Nota de falecimento, *O Estandarte* (12-07-1917), 10; Garcez, *Mackenzie*, 38s.

Bartolomeu Reviglio (?-1901)
Colportor e evangelista

Bartolomeu Reviglio professou a fé na Igreja Presbiteriana de São Paulo no dia 29 de setembro de 1867, sendo o primeiro membro italiano daquela igreja, organizada apenas dois anos antes. Tornou-se logo em seguida colportor e evangelista, acompanhando os Revs. Robert Lenington, João F. Dagama e outros missionários. Vendia livros e pregava, embora não tivesse facilidade de expressar-se em português. Enfrentou lutas e perseguições em

penosas viagens. Uma filha do seu primeiro casamento, Maria Isabel, veio a ser esposa do Rev. João Vieira Bizarro. O Rev. Emanuel N. Pires oficiou o seu segundo casamento em São Paulo, em 15 de junho de 1868, com Ana Isabel Corrêa de Macedo (ou Damasceno). Ana Isabel tinha uma filha do seu primeiro casamento, que veio a ser a segunda esposa de Antônio Garcia Ferreira, presbítero de Mogi-Mirim e avô do Rev. Matatias Gomes dos Santos.

Em abril de 1872, Reviglio acompanhou o Rev. Robert Lenington e o estudante Antônio Pedro de Cerqueira Leite em uma grande excursão que os levou a Patrocínio, Mogi-Mirim, Borda da Mata, Pouso Alegre, Bom Retiro, Campanha e Caldas. Foi arrolado na recém-organizada Igreja de Rio Claro no dia 20 de julho de 1873. No mesmo ano, auxiliando o Rev. Dagama, espalhou livros, pregou e desbravou o terreno em Pirassununga, Descalvado, Araras, Limeira, Piracicaba e outras localidades. Ao falecer em Lençóis no dia 11 de julho de 1901, preparava-se o velho colportor para mais uma excursão. Sua esposa faleceu pouco tempo depois, em Rio Claro.

Houve muitos outros colportores que, com o seu trabalho de distribuição de Bíblias e literatura evangélica, prepararam o terreno para a atuação posterior ou simultânea dos missionários e pastores. Alguns dos muitos mencionados pelo historiador Temudo Lessa são os seguintes: *Lourenço Moreira de Almeida* (tio do Rev. Álvaro Reis e companheiro de viagens do Rev. John Boyle), *Manoel Pereira da Cunha Bastos* (membro da Igreja Evangélica Fluminense, precedeu o Rev. Blackford em São Paulo), *Manoel José da Silva Viana* (outro membro da Igreja Fluminense, fundou o congregacionalismo em Pernambuco, trabalhou para as sociedades bíblicas britânica e americana, colaborou com o Rev. John R. Smith e faleceu em 1880), *Francisco Filadelfo de Souza Pontes* (colaborou com o Rev. Blackford quando este era agente da Sociedade Bíblica Americana, trabalhou em muitos pontos do Nordeste, faleceu em 1909), *João Antônio de Menezes* (irmão do Rev. Manoel Antônio de Menezes, trabalhou para a Sociedade Bíblica Britânica em muitos lugares do Brasil), *João Mendes Pereira Guerra* (também auxiliou o Dr. Smith e outros missionários do Norte, e suas viagens de colportagem estenderam-se até o Amazonas), *Tomás Gallart* (espanhol, foi batizado pelo Dr. Kalley em 1861, percorreu o litoral desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul e também o interior, faleceu em 1876), *João Antunes de Moura* (presbítero de Itapeva, pioneiro da evangelização do Paraná).

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 58s, 87, 115, 173, 197; outros colportores: 154, 173, 193, 279s, 374; “Livro de Atas da Igreja Presbiteriana de Rio Claro”; Ferreira, *História da IPB*, I:216-219; “Bartholomeu Reviglio”, *O Estandarte* (25-07-1901), 3; Soares, *Januário dos Pés Formosos*, 15-23.

Jacob Filipe Wingerther *Colportor e evangelista*

Filipe Wingerther nasceu na Alemanha, às margens do Reno. Depois de adulto, foi com um grupo de imigrantes para o Illinois, nos Estados Unidos, onde se converteu e ingressou na

igreja metodista. Poucos anos depois, seguiu para Nova Órleans, Louisiana, em busca de trabalho, começando a distribuir folhetos aos domingos e quando possível durante a semana. Mudando-se para o Texas, sofreu amargamente com a morte da esposa e filhos por um envenenamento acidental. Na Guerra Civil (1861-1865), serviu no Exército do Sudoeste. Após a rendição, casou-se novamente e tentou seguir com um grupo de colonos para o sul do Brasil. No início de 1867, um aventureiro, Frank McMullen, fretou um velho navio, o “Derby”, a fim de transportar os colonos. O navio naufragou na costa de Cuba, mas todos se salvaram. Forçado a voltar para Nova York, depois de muitas dificuldades Wingerther partiu a bordo do “North American” no dia 22 de abril de 1867. Chegando ao Rio de Janeiro, seguiu para a colônia norte-americana de Santa Bárbara, em São Paulo.

O Rev. Edward Lane o encontrou em uma de suas primeiras viagens evangelísticas e o convidou para trabalhar como colportor, especialmente junto à numerosa população germânica residente no interior de São Paulo. Em 1870, Wingerther começou a trabalhar com os missionários de Campinas, da Igreja do Sul (PCUS). Passou a distribuir as Escrituras em português, inglês e alemão, dando especial atenção aos colonos e moradores de origem teutônica como ele. Mudou-se para Mogi-Mirim e mais tarde, quando a igreja local foi organizada, tornou-se um dos seus presbíteros. Escrevendo em maio de 1877 às crianças das escolas dominicais de Baltimore, para agradecer o dinheiro arrecadado para a compra de uma carroça para o colportor, a Sra. Sarah Lane o descreveu como humilde, paciente, sério, abnegado, laborioso, incansável, disposto a trabalhar em qualquer lugar ou em qualquer tarefa que a obra exigisse, e feliz por poder fazê-lo. Outra testemunha ocular o descreveu como grande, sadio, de barba crescida e de cabelos à escovinha. Costumava levar, em um cavalo vermelho, um cargueiro de livros – cada caixote de um lado. Dois filhos seus, Carlos e João Wingerther, estudaram no Colégio Internacional, conforme consta do catálogo de 1877.

Wingerther trabalhou no interior de São Paulo, Minas, Goiás e Mato Grosso. Acompanhou em viagens evangelísticas diversos pastores, tais como os Revs. John W. Dabney, John Boyle, Delfino Teixeira e Miguel Torres. Em agosto de 1879, acompanhou o Rev. Dabney em uma viagem a Cabo Verde e São Bartolomeu, em Minas Gerais. No mesmo ano, o Rev. Boyle mudou-se para Mogi-Mirim, onde Wingerther residia. Este, em seu trabalho de distribuição da Bíblia, havia feito longas viagens para o norte, indo até o Triângulo Mineiro. Vendeu livros e pregou o evangelho em Casa Branca, Mococa, São Simão, Ribeirão Preto, Batatais, Franca, Santa Rita, Uberaba, Passos, Santa Rita de Cássia, Divisa Velha e Ventania. Trouxe de volta a Mogi notícias entusiásticas sobre as oportunidades evangelísticas existentes na vasta região do Brasil Central. Isso incentivou o Rev. Boyle a fazer o mesmo percurso em 1881 e 1882. Em outubro de 1880, acompanhou Miguel Torres a Cabo Verde e Caldas, em Minas Gerais.

Em 1883, Wingerther foi até Paracatu, no noroeste de Minas, e novamente deu um relatório animador sobre a receptividade do povo. No ano seguinte, ele e Boyle visitaram Bagagem (Estrela do Sul), Araguari, Paracatu, Formosa e Luziânia. Em 1887, Boyle foi residir em Bagagem (atual Estrela do Sul), no Triângulo Mineiro. Nos seus últimos anos, Filipe Wingerther trabalhou para a Sociedade Bíblica Americana. Como outros colportores, foi

um desbravador de terrenos áridos, onde depois os missionários e evangelistas foram colher os frutos. Sofreu perseguições e afrontas, mas ia sempre pacientemente fazendo a sementeira. Faleceu em idade avançada.

Bibliografia: Lessa, *Annaes*, 173, 495; Ferreira, *História da IPB*, I:218s; Bear, *Mission to Brazil*, 12s, 18s; Edward E. Lane, “History of West Brazil Mission”, 8; Ferreira, *Apóstolo de Caldas*, 107, 111, 120; Goldman, *Pioneiros Americanos no Brasil*, 79-101; Hahn, *Culto Protestante no Brasil*, 252s, 266s; Edward Lane III, *Footprints of Faith: Story of Edward Lane*, 49s.